



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Tecnologia e agricultura familiar: como um computador com acesso à internet pode transformar o cotidiano rural.

ANGÉLICA ELISA SONAGLIO

Brasília – 2011

Tecnologia e agricultura familiar: como um computador com acesso à internet
pode transformar o cotidiano rural.

ANGÉLICA ELISA SONAGLIO



Brasília, 2011.

Logo desenvolvida por Thiago Afonso Borges Júnior.

Tecnologia e agricultura familiar: como um computador com acesso à internet pode transformar o cotidiano rural.

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Comunicação como exigência final para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Elen Cristina Gerales.

Brasília, 2011.

Tecnologia e agricultura familiar: como um computador com acesso à internet pode transformar o cotidiano rural.

Angélica Elisa Sonaglio

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldes
Orientadora

Profa. Dra. Dione Oliveira Moura

Profa. Dra. Janara Kalline Leal Lopes Sousa

Aos meus pais que tanto amo, hoje e sempre.

AGRADECIMENTOS

Aos melhores educadores, meus pais.
Aos mais queridos mestres, todos meus professores.
Aos mais legais incentivadores, todos meus amigos.
À maior referência, minha irmã e Doutora.
Aos dias de infância, toda minha família.
Pelos caminhos sinuosos e estradas de chão, Leila e Elisabeth.
Àquela que acreditou que este projeto era possível, orientadora Elen.
Às mais acolhedoras e atenciosas famílias,
de todos os agricultores que trilham a riqueza deste trabalho.
A todos os meus dias vividos ao lado de inúmeras pessoas e estilos de vida,
que me ensinaram que ter a alma simples é o mais importante.
A todos que acreditaram que eu era capaz
e também aqueles que nunca acreditaram em mim, vejam só...

RESUMO

A chegada de um computador com acesso à internet, seja aonde for, leva com eles mudanças de comportamento. Quando falamos da chegada desta tecnologia em uma propriedade rural, de agricultores familiares, que geralmente moram em locais de difícil acesso e que a conexão chega relativamente depois dos grandes centros urbanos, essas mudanças acontecem cada uma a sua forma. Por tratar do acesso à comunicação e das transformações cotidianas em decorrência deste acesso, teorias serão apresentadas tentando entender este novo posicionamento do cotidiano rural frente a um novo acesso. Para isso, foram feitas entrevistas na cidade de Joaçaba, meio oeste de Santa Catarina, e outras seis cidades que fazem limite territorial com ela. Esta região foi escolhida porque a agricultura familiar é muito presente por motivos geográficos e históricos.

Palavras Chave: Agricultura familiar, internet, comunicação, cultura.

ABSTRACT

The arrival of a computer with internet access, where ever it takes, for them to change behavior. When we speak of the arrival of this technology in a rural propriety, of family farmers, who generally live in remote places and the connection comes on after the great urban centers, each of these changes come your way. Because it's access to communication and changes daily due to this access, will be presented theories trying to understand this new position everyday rural front of a new access. To this end, interviews were conducted in the city of Joaçaba, half west of Santa Catarina, and six other cities that's territorial boundary with her. This region was chosen because the family farm is very present for reasons of geography and history.

Key-words: Family Farming, internet, communication, culture.

Tabelas

Tabela 1: Municípios pesquisados e seus dados demográficos.....	28
Tabela 2: Municípios pesquisados e domicílios com e sem energia.....	31
Tabela 3: Família Rama/Cidade Catanduvas, comunidade Vera Cruz.....	44
Tabela 4: Família Albiero/Cidade Lacerdópolis, comunidade Linha São Paulo.....	44
Tabela 5: Família Costa Beber/Cidade Luzerna, comunidade Linha Grafunda.....	44
Tabela 6: Família Bernardi/Cidade Joaçaba, comunidade Linha Ficagna.....	44
Tabela 7: Família Cenci/Cidade Herval d'Oeste, comunidade Sede Belém.....	45
Tabela 8: Família Franck/Cidade Ouro, comunidade Linha Leãozinho.....	45
Tabela 9: Computador e acesso à internet na propriedade.....	48
Tabela 10: Usos do computador com ou sem conexão para auxílio na propriedade.....	51
Tabela 11: Uso do computador com acesso à internet.....	52
Tabela 12: Jovens e o uso da internet.....	55
Tabela 13: Mudanças com a chegada do computador.....	58

Sumário

1	CAPÍTULO 1 - APRESENTAÇÃO.....	11
1.1	Introdução.....	11
1.2	Justificativa.....	13
1.3	Procedimentos Metodológicos.....	15
2	CAPÍTULO 2 – HISTÓRICO DA REGIÃO PESQUISADA.....	16
2.1	Índios, Caboclos e primeiros colonizadores do oeste catarinense.....	16
2.2	Construção da Estrada de Ferro e Guerra do Contestado.....	18
2.3	As Colônias Velhas do Rio Grande do Sul e as Campanhas de Colonização.....	19
2.4	Joaçaba e a Colonização.....	22
2.5	Minifúndio e Agricultura Familiar	24
2.6	Atuais Características da Região.....	26
3	CAPÍTULO 3 – CHEGADA DAS TECNOLOGIAS NO MEIO RURAL.....	30
3.1	Eletrificação Rural e a Chegada dos Meios de Comunicação	30
3.2	Modernização e Popularização das Tecnologias.....	32
3.3	Tecnologias no Campo.....	33
4	CAPÍTULO 4 – COM A PALVRA, A FOLKCOMUNICAÇÃO.....	36
4.1	Breve passagem por: O que é Cultura e Cultura Digital?.....	36
4.2	Comunicação Popular e Cultura Popular.....	37
4.3	O que é Folkcomunicação?.....	38
5	CAPÍTULO 5 – PESQUISA DE CAMPO.....	42
5.1	Ponderações sobre a pesquisa de campo	42
5.2	Quem são os participantes desta pesquisa?.....	43
5.3	Análise das Entrevistas.....	46
6	CAPÍTULO 6 - Finalização.....	61
6.1	Considerações Finais.....	61
6.2	Referências Bibliográficas.....	64
6.3	Apêndice.....	67

1 CAPÍTULO 1 - APRESENTAÇÃO

1.1 Introdução

“Ser doutor é fácil. Difícil é ser caipira,
inquieto, curioso e autêntico.”
José Hamilton Ribeiro.

Santa Catarina é conhecida como um estado com altos níveis no Índice de Desenvolvimento Humano e também por ser um estado produtivo do ponto de vista agropecuário. O oeste catarinense, apesar de menos conhecido no país, tem sua cultura ligada aos seus processos migratórios, sendo composto, em geral, por cidades de pequeno e médio porte com forte produção agrícola baseada na produção familiar.

Tendo como problema de pesquisa como um computador com acesso à internet modifica as relações profissionais e pessoais dos agricultores familiares de Joaçaba, Santa Catarina, e cidades limítrofes territorialmente¹, este trabalho pretende entender as mudanças que um computador com acesso à internet proporciona no cotidiano de famílias de pequenos produtores. Busca-se também por meio deste estudo descobrir quais os processos culturais que se transformam com a inserção de tecnologias e como estes costumes diários se relacionam neste novo cenário de acesso à informação, seja ela qual for e da forma que for.

O interesse no tema é relevante, devido ao fato de que, na maioria dos casos, a conexão com a internet e o próprio acesso, acabam chegando tardiamente nas localidades mais distantes, principalmente as rurais. A região das cidades que fazem limite territorial com Joaçaba foi escolhida pela forte presença da agricultura familiar na região.

A comunicação e seus conceitos servem de base para este trabalho, levando em consideração que, quando um computador que tenha internet chega na propriedade, imediatamente aquela família começa a ter mais acesso à informação, seja ela qual for, e também novas possibilidades de interação que a internet proporciona.

No primeiro capítulo, este trabalho apresentará o histórico da região estudada e suas características, começando pelo histórico das terras estudadas nesta pesquisa antes mesmo da chegada dos imigrantes, passando pelas guerras, migrações até chegar em sua configuração atual.

A segunda parte deste trabalho fará a ponte entre a tecnologia e o campo, apresentando um pouco sobre o processo da chegada dos fatores que possibilitaram a inserção de novas

¹Cidades limítrofes: Catanduvas, Herval d'Oeste, Jaborá, Lacerdópolis, Luzerna e Ouro

opções no campo, passando pelos incentivos governamentais e teorias referentes ao uso e apropriação das tecnologias.

A terceira parte será específica da comunicação. Passando sobre os conceitos de cultura e cultura digital, esta parte apresenta a *folkcomunicação* como parte do trabalho, sendo a teoria que interliga o acesso e o uso de um computador com acesso à internet com a forma com que o pequeno produtor utiliza, acessa e comunica através dele.

A parte de análise das entrevistas será apresentada no último capítulo, trazendo depoimentos dos entrevistados sendo interligados as teorias apresentadas. A análise deu-se na seguinte divisão: Visão geral sobre as famílias, computador e acesso à internet; Computador, internet e gestão da propriedade; Computador, internet e a distância territorial; Computador, internet e os jovens agricultores e; Computador, internet e a vida em família e afetiva.

Além das inquietações iniciais, outros pontos chamaram atenção para o desenvolvimento desta pesquisa. Um deles é de que forma o agricultor está agindo com a chegada das tecnologias, como um computador com internet na propriedade, e depois da chegada dele, qual o principal motivo do acesso à internet.

A internet pode levar novas formas de acesso à informação, com isso, surgiu outro questionamento: a internet faz o pequeno produtor ficar melhor informado? Além da informação, esta pesquisa visa a saber se as famílias usam o computador também para se comunicar com outras pessoas e qual a avaliação da qualidade do sinal da internet no meio rural na visão do produtor rural das cidades envolvidas no trabalho de campo.

1.2 Justificativa

A agricultura familiar é relativamente pouco estudada no âmbito do acesso à informação e mudança do cotidiano com a inclusão de novos meios no campo. As famílias de pequenos agricultores vivem muitas vezes “isoladas” territorialmente dos grandes centros urbanos aonde circulam informações, fazendo com que fiquem à margem de algumas mudanças que acontecem em outros lugares, elas também possuem uma lógica específica de trabalho e dedicação com a terra, diferentemente de propriedades pautadas no latifúndio.

Com a chegada da internet, os antigos meios de comunicação deixaram de ser exclusividade no acesso à informação destes agricultores. Porém, a chegada de um computador com acesso à internet na propriedade levou consigo muitas mudanças não só no acesso a novas possibilidades de conteúdo, mas também no âmbito do trabalho e no cotidiano das pessoas que moram na casa, uma vez que o computador possibilita muitas maneiras de interação com um mundo até então não explorado, não só pelo homem do campo, mas também pelos moradores das cidades.

Para descobrir quais os efeitos da chegada desta tecnologia no campo, serão utilizadas entrevistas com famílias que vivem no meio rural e que já sentem as diferenças da chegada destas novas ideias não necessariamente agrícolas. A localidade escolhida para pesquisa é Joaçaba, meio-oeste de Santa Catarina, e as cidades que fazem divisa territorial com a mesma: Catanduvas, Herval d'Oeste, Jaborá, Lacerdópolis, Luzerna e Ouro², totalizando sete cidades. A escolha destes municípios foi feita pelo fato de agricultura familiar representar quase 100% da produção local, fato que se espalha por boa parte do meio oeste catarinense. Na região, Joaçaba é uma das três cidades mais antigas do meio oeste e possui uma importante influência nos municípios vizinhos.

A região escolhida possui também um histórico fortemente ligado à imigração, sendo que a maioria das pessoas que migravam eram pequenos agricultores e vinham ao Brasil na esperança de uma vida melhor, com o intuito de serem donos das terras nas quais iriam produzir. Aliados a outros, estes fatores fizeram com que, de certa forma, o camponês que chegou na região estudada, tivesse uma relação de carinho e muito trabalho, justificando investimentos e desgastes pessoais. Assim, desenvolveram uma cultura forte que buscava, em sua maioria, a busca pelo melhor para a sua propriedade, com o investimento necessário, seja

2 Dado retirado do site da Prefeitura Municipal de Joaçaba: <http://www.joacaba.sc.gov.br/conteudo/?item=18927&fa=5295> Acesso em: 17 ago 2011.

fruto de seu próprio trabalho ou financeiro. É esta cultura de mudança, com foco na chegada do computador com acesso à internet, que este trabalho pretende mostrar.

Outro fator que gerou interesse desta pesquisa, foi saber até que ponto o acesso à rede mundial de computadores tem evoluído no interior, de maneira a qualificar ou melhorar a vida o produtor rural em seu trabalho e não apenas como fonte de lazer.

1.3 Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos deste estudo são a pesquisa bibliográfica sobre os temas tratados e também um estudo de caso referenciado na pesquisa de campo realizada em Joaçaba e todas as cidades que fazem limite territorial com ela, já citadas na justificativa, sendo que em cada uma das cidades foi entrevistada uma família.

A primeira parte de busca teórica serviu para que a autora se familiarizasse com o tema estudado e criasse argumentos para a pesquisa de campo. Baseou-se em textos, artigos científicos, de revista, livros e todos os conteúdos possíveis relacionados aos objetos de pesquisa. Na segunda etapa foram feitas visitas às famílias de agricultores, as quais foram escolhidas de acordo com indicação e acompanhamento da Cooperativa Rio do Peixe³ (Coperio) através de sua assessora social, Leila Estrowispi, sendo que o único critério de escolha foi a família ter computador em sua residência, com acesso à internet ou não, e caso não tivesse o sinal da rede em sua casa, que já tenha contato habitual com computadores que possuíssem acesso.

O processo de visitas foi organizado de forma que a pesquisadora estivesse ao menos meio dia com cada família, tendo um mínimo de duas horas em cada propriedade, possibilitando com esse tempo considerado mínimo para uma entrevista um entendimento melhor da cultura, das origens, do cotidiano e das ideias da família a respeito do tema. Apenas as perguntas-chave de um questionário elaborado anteriormente foram gravadas para que os participantes da pesquisa não ficassem intimidados com a visita da pesquisadora e pudessem trocar ideias mais descontraídas sobre o tema. Foram aplicados dois modelos de questionário, sendo um sócio-econômico aplicado por família e um de questões abertas gravadas, aplicado um por cada membro que estava na localidade nos momentos da pesquisa de campo. Ambos os questionários podem ser conferidos na íntegra no apêndice desta monografia.

3 Cooperativa que surgiu em 1969 através da união de alguns agricultores da região, tendo Joaçaba como cidade sede, e hoje conta com mais de 5 mil associados na região. Mais em: <http://www.coperio.com.br> Acesso em: 21 out 2011.

2 CAPÍTULO 2 – HISTÓRICO DA REGIÃO PESQUISADA

2.1 Índios, Caboclos e primeiros colonizadores do oeste catarinense

A configuração atual do território do oeste catarinense estende-se da margem direita do Rio do Peixe até as divisas com a Argentina a oeste, a norte sul com as divisas dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul respectivamente (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003) e é no oeste catarinense, às margens do Rio do Peixe que está localizada Joaçaba, cidade central desta pesquisa.

Este mesmo território, delimitado com o fim da disputa do Contestado em 1916, já havia sido palco da Questão de Palmas, entre Brasil e Argentina em 1881, quando o país Argentino reivindicava o direito de posse das terras entre os rios Peperi-guacú (hoje rio Chapecó) e San Antônio Guazú, encontrados pelos demarcadores espanhóis em 1788. Com o ganho de causa, o Brasil, preocupado com o fato de que a Argentina poderia reivindicar novamente as terras da região, procurou povoá-las intensamente, sendo que no censo de 1890 a região de 30.691 quilômetros quadrados tinha 5.793 habitantes, apenas 30 eram estrangeiros, mas nenhum Argentino (HEINSFELD, 1996).

Este território conhecido como oeste catarinense, depois da Questão de Palmas, passou por um conflito entre dois estados brasileiros, Paraná e Santa Catarina, que ficou conhecido como Guerra do Contestado (1912-1916). Heinsfeld (1996) defende que o conflito iniciou depois da decisão estratégica do governo de construir uma estrada de ferro na região disputada com a Argentina na Questão de Palmas, para que o povoamento do local fosse mais efetivo, reduzindo assim as possibilidades de os argentinos requererem a terra. Este assunto será tratado a seguir.

O oeste de Santa Catarina, assim como grande parte do interior brasileiro, permaneceu durante anos sem a exploração do “elemento branco” (RADIN, 2001). Segundo Radin (2001) isso ocorreu também em decorrência das características da ocupação portuguesa no Brasil, que se concentrou basicamente no litoral, deixando toda a ocupação do oeste brasileiro por conta dos Bandeirantes e Jesuítas, que penetraram no sertão impondo-se às populações nativas.

A população indígena que vivia na região oeste começou a ter contato com os bandeirantes a partir do século XVII. O território oestino era basicamente habitado por índios Guaranis, Kaingang e Xocling, que ocupavam as matas de araucária e viviam da extração da

erva-mate e cultivo de milho, feijão, batata e abóbora, visando quase sempre sua subsistência (RADIN, 2001). “O atual oeste catarinense seria um caminho habitual de bandeirantes paulistas. [...] a última grande expedição que devassou a área do oeste catarinense foi em 1641” (PIAZZA; HÜBENER, 1987, p.27).

Nesse sentido, mesmo gerando conflitos entre as reduções bandeirantes e os nativos que acabavam sendo escravizados, a partir de 1640 os Jesuítas introduziram e desenvolveram a criação de gado no Rio Grande do Sul. Para Radin (2001) esse fato deu a região uma dinâmica econômica que de certa forma mais tarde interessaria aos imigrantes europeus, não só no sentido da criação de gado mas também de posse da terra, o que geraria, além da migração, o interesse da abertura de um caminho que ligasse o sul ao centro do Brasil.

A chegada dos brancos à região antes povoada por indígenas e caboclos causou estranhamento sob a ótica dos costumes que cada população era acostumada a levar. A ocupação branca na região deu-se:

[...] inicialmente, por luso-brasileiros oriundos do Paraná, a partir de 1640, os quais se apossaram das áreas de campo que eram mais apropriadas para criação de gado e cavalos. A maior parte das áreas de vales e matas só foi ocupada posteriormente pelo migrantes descendentes de europeus, quando a grande fronteira agrícola absorveu milhares de colonos, principalmente das colônias velhas do Rio Grande do Sul (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003, p.29).

Mesmo com a chegada dos portugueses ao oeste catarinense no final do século XIX, a região ainda era considerada isolada por ser distante dos pólos econômicos e escassamente povoada.

Do outro lado, as discussões da intelectualidade brasileira no final do século XIX e início do XX eram relativas ao branqueamento da população e ao progresso do país, o que dependeria de levadas de imigrantes trazidas ao Brasil a partir desta época. Neste sentido, o governador de Santa Catarina em 1929, Adolpho Konder, tinha a mesma visão em relação ao povoamento da região do oeste do estado que estava “praticamente despovoada e abandonada a própria sorte” (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003). Assim, o planejamento da construção de uma estrada de ferro que ligasse São Paulo ao Rio Grande, passando necessariamente pelo Vale do Rio do Peixe, já era uma preocupação do império no sentido de ligação com o centro do país e de posse efetiva do território até então “abandonado” (RADIN, 2001).

2.2 Construção da Estrada de Ferro e Guerra do Contestado

As questões territoriais requeridas pelo Paraná e Santa Catarina de 1912 a 1916 na Guerra do Contestado são ponto principal para definição geográfica dos municípios do oeste catarinense, uma vez que o território contestado consistia na área localizada entre os rios Peperi-guacú (hoje rio Chapecó) e Rio do Peixe.

Iniciada em 1912, a Guerra do Contestado teve a construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande como causa direta dos conflitos (CARDOSO; SCHULZ, 2002). A área da construção da estrada era palco desde o século XIX de movimentos messiânicos, aonde a "população pobre, em geral analfabeta, encontrara junto aos homens santos e beatos o apoio diante das diversidades" (CARDOSO; SCHULZ, 2002, p.67). É neste momento messiânico que a *Railway Company*, uma empresa norte americana, inicia a construção da ferrovia e com ela, ganha do governo brasileiro como parte do pagamento, 30 km de cada lado da estrada para o investimento que julgasse necessário (THOMÉ, 1983). O Decreto número 10.432 de 9 de novembro de 1889 determinava que:

[...] uma faixa de terras de 30 Km de cada lado da ferrovia seria da empresa construtora, e que esta teria que utilizar estes terrenos dentro do prazo de 50 anos, além do que, ficava a companhia obrigada a transportar gratuitamente "os colonos e imigrantes, suas bagagens, ferramentas, utensílios e instrumentos aratórios" que viessem a ocupar as terras cedidas à companhia construtora. Em 1980, pelo Decreto número 305, o governo federal alterava e regulamentava a cessão das terras marginais, estabelecendo uma faixa de 15 Km de cada lado da ferrovia (HEINSFELD, 1996, p.114).

As terras concedidas a *Railway Co.* eram ricas em madeira. Tão logo a empresa criou uma subsidiária para explorar o recurso existente na área, a *Southern Brazil Lumber e Colonization*, passou a empregar a violência para expulsar as famílias de posseiros das terras que ali estavam, em sua maioria caboclos, ao devastar a floresta (CARDOSO; SCHULZ, 2002).

Em meio à construção da estrada e exploração da madeira que surge um messiânico de destaque: José Maria. O "homem santo" rapidamente ganha a simpatia dos caboclos que viviam na região, que mudam seu acampamento das terras de Curitiba para os campos de Irani, no oeste do estado de Santa Catarina. Os paranaenses, achando ser uma invasão catarinense, entram em choque com o grupo de José Maria na luta pelas terras ocupadas pelos messiânicos (CARDOSO; SCHULZ, 2002). A partir deste conflito, vários outros se sucederam em decorrência da violência utilizada pela *Southern Brazil Lumber e Colonization* na exploração da riqueza natural antes usufruída apenas pelos moradores da região.

Na região do vale não havia mão de obra disponível para construção da estrada, como a companhia tinha pressa, o recrutamento de trabalhadores para a região tinha como base o vigor físico dos candidatos. Com o fim do trecho em construção, depois da dedicação à obra da forma como lhes era imposta (na época não havia leis trabalhistas), dos cerca de 8 mil trabalhadores trazidos, parte era chamada para prosseguir nos trabalhos em outras linhas, enquanto outros optavam por ficar na região do Vale do Rio do Peixe (THOMÉ, 1983). Estes mesmo trabalhadores que optavam por ficar nas localidades por onde o trem passava instalavam-se nas terras próximas aos trilhos, os quais futuramente seriam expulsos das margens da via férrea para que a Lumber pudesse comercializá-las na fase da colonização, e ao adentrar as terras catarinense, se encontrariam e se juntariam aos caboclos na luta contra a exploração da subsidiária norte-americana (HEINSFELD, 1996).

A penetração destas empresas capitalistas na região carregou consigo muitas mudanças fazendo com que estas novas terras se tornassem propícias para colonização, as quais passariam a ser ocupadas legalmente pelos migrantes vindos do Rio Grande do Sul (RADIN, 2001).

Juntas, as duas empresas voltaram as suas atenções às chamadas 'colônias velhas' do Rio Grande do Sul, ocupadas a partir de 1924 por imigrantes italianos e alemães, e seus descendentes, que demonstraram interesse em procurar novas terras para se estabelecerem. As 'multinacionais foram de encontro a estes anseios, proporcionando aos colonos gaúchos a esperança de sucesso em novas terras, oferecidas como altamente produtivas, de fácil acesso e ótima localização (THOMÉ, 1983, p.182).

Com o fim dos conflitos e os territórios definidos como catarinenses, quatro municípios foram criados: Chapecó, Porto União, Mafra e Cruzeiro, hoje chamada de Joaçaba (RADIN, 2001), município central da pesquisa de campo deste trabalho. Uma vez resolvidos os problemas de divisa entre Paraná e Santa Catarina, a colonização nessa região passou a se intensificar, pois mesmo depois da construção da estrada a região era considerada pouco povoada. (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003).

2.3 As Colônias Velhas do Rio Grande do Sul e as Campanhas de Colonização

Durante o século XIX, a região Sul do país recebeu grandes levadas de imigrantes vindos dos mais variados países, mas principalmente alemães e posteriormente os italianos. Esses processos migratórios geraram mudanças não só nos países de onde a população emigrou,

mas também nos locais que receberam estes imigrantes. O contexto migratório europeu é descrito por Sandra Pesavento:

A vinda de imigrantes estrangeiros para o Brasil no século XIX é um movimento que se insere no processo mais amplo da expansão do capitalismo a nível mundial. No plano europeu, o desenvolvimento em países como a Alemanha e Itália foi capaz de gerar um excedente populacional sem terra e sem trabalho, que se converteu num foco de tensão social intenso. A acumulação do capital, a concentração da propriedade do solo e a emergência da indústria tiveram como contrapartida a expulsão do camponês da terra e a desarticulação do trabalho artesanal (RADIN apud PESAVENTO, 2001, p.47).

Mesmo que a Itália no contexto da unificação ainda continuasse essencialmente rural, a emigração da Europa começou a representar uma possibilidade de vida melhor, assim estes imigrantes trouxeram para o Brasil os conhecimentos agrários que serviram de base para organizar a nova terra. Estes novos espaços significavam para eles a '*cuccagna*' ou seja, tratava-se de um lugar com vida mais fácil e com plena liberdade, por isso a "América tornou-se o sorvedouro e a esperança dos excluídos europeus do final do século XIX" (RADIN, 2001, p.54).

Radin (2001) comenta que a emigração da Itália foi um acontecimento de fato marcante na história do povo italiano, sendo que mesmo aqueles que ficaram em seu país puderam sentir as consequências, uma vez que muitos lugares ficavam quase desertos porque "seus habitantes partiam em massa, muitas vezes acompanhados pelo pároco do próprio lugar, para a longínqua América" (RADIN, 2001, p.51).

O governo brasileiro, com o intuito de atrair um grande contingente de imigrantes para branquear a população e povoar o interior do país, passou a dirigir a partir do primeiro quarto do século XIX a imigração para o sul do Brasil, contando com a ajuda de muita propaganda positiva nos veículos de comunicação da época a respeito das localidades a serem povoadas.

A colonização italiana no Rio Grande do Sul teve mais intensidade no último quarto do século XIX, sendo que a região nordeste do estado que era composta em sua maioria por serras e vales, acolheu cerca de cem mil migrantes, em geral agricultores, que lá se estabeleceram tendo em vista que as melhores terras gaúchas já estavam ocupadas por portugueses e alemães desde o início do século. (RADIN, 2001)

Em sua maioria, os imigrantes encontravam no trabalho da terra uma forma de construir a vida nova em território brasileiro, o que estabeleceu na região uma dinâmica bem diferente da vivida até então. O modelo de agricultura utilizada pelos italianos era tradicional,

ou seja, utilizava a mão de obra familiar e tinha como objetivo básico a produção para subsistência. Para isso, cultivavam sempre um plantio diversificado com o cultivo de produtos básicos (milho, arroz, feijão) e criação de animais como suínos e aves (ALVES; MATTEI, 2011).

Porém, depois da ocupação do nordeste gaúcho e do uso do solo, os migrantes das colônias velhas já sentiam as dificuldades daquele espaço, assim, a saída da população das colônias velhas do Rio Grande do Sul ocorreu:

[...] entre outros fatores, pela limitação da sobrevivência das colônias gaúchas, pela inviabilidade da subdivisão dos lotes rurais e esgotamento do solo, em função das características culturais dos italianos como o anseio de se tornarem proprietários, de fazerem investimentos ou de conquistarem a fortuna. Por outro lado, figuram motivações diferentes, tais como: brigas familiares, com namoradas e/ou noivas, com pessoa da comunidade, assassinatos, conflitos políticos como a revolta de 1923, entre outros (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003, p.39).

Nas terras catarinenses, após explorar a madeira, a empresa *Railway Co.* precisava vender aos colonos os lotes às margens da ferrovia recebidas do governo brasileiro como concessão. Com este intuito, as companhias iniciaram uma intensa fase de propaganda nos jornais já existentes na região enaltecendo as qualidades da mais nova fronteira agrícola: o oeste catarinense (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003). A própria *Railway Co.* criou uma subsidiária, a *Brazil Development Colonization Co.*, para acelerar a venda das terras, principalmente para o excedente populacional das antigas colônias do Rio Grande do Sul.

Como o oeste de Santa Catarina representava, por meio das propagandas, um lugar de boas terras, o fluxo migratório do nordeste gaúcho para o oeste catarinense começou. Para Radin, Benedet e Milani (2003), os anúncios das vendas dos lotes coloniais procuravam sempre impressionar os interessados pela disponibilidade de terras. Nos anúncios em geral, eram exaltadas a fertilidade, a produtividade, a abundância de madeiras de lei e a existência de uma estrada de ferro que ligava as colônias aos principais centros urbanos do país, o que facilitaria também o escoamento da produção rural, benefícios que o nordeste gaúcho não oferecia aos colonos.

Na colonização do Oeste, a formação de núcleos étnicos, seja de italianos ou alemães, não ocorreu da mesma forma como nas antigas colônias, pois, em geral, a colonização foi mista. Mesmo assim, em muitos municípios da região, a ocupação se deu prioritariamente por uma ou outra etnia (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003, p.44).

Na região, já havia colonizadores alemães desde maio de 1913, vindo das colônias gaúchas e também de outros lugares (HEINSFELD, 1996). Porém cerca de 65% dos migrantes que colonizaram o Vale do Rio do Peixe eram italianos e constituíam uma população jovem, entre 15 e 50 anos, disposta a começar sua vida econômica na agricultura, sendo comum os casais migrarem logo depois do casamento. Para as autoridades da época, esse fluxo migratório representou a solução de dois problemas: a diminuição da densidade demográfica nas colônias gaúchas e a ocupação do oeste catarinense, ainda considerado vazio (RADIN, 2001).

Porém, essa colonização essencialmente rural-rural⁴ não era a maravilha que as propagandas indicavam, “diversos estudos sobre as áreas coloniais mostram que os primeiros anos da colonização se caracterizaram por dificuldades de toda ordem” (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003, p.47), sendo que uma das principais dificuldades era a de locomoção, justamente pela falta de estradas na região mesmo que todos pudessem usufruir da ferrovia São Paulo-Rio Grande.

2.4 Joaçaba e a Colonização

Joaçaba, até 1917 chamada de Vila de Limeira e pós Guerra do Contestado denominada Cruzeiro, a exemplo de muitos municípios do interior brasileiro, não tinha alta densidade demográfica. O município possuía na sua criação “em 1917, uma área de 7.680 quilômetros quadrados, onde viviam cerca de dez mil pessoas, o equivalente a quatro habitantes para cada três quilômetros quadrados” (RADIN, 2001, p.74), o que equivaleria a basicamente um habitante por quilômetro quadrado. Radin compara a densidade demográfica de Joaçaba em 1917 com o mesmo período da zona colonial italiana, lá existiam mais de 28 habitantes por quilômetro quadrado.

Assim como o oeste catarinense em geral, Joaçaba não foi colonizada por imigrantes que vieram da Itália diretamente, mas sim pelos seus descendentes que vieram do Rio Grande do Sul. Além dos migrantes do nordeste gaúcho, Joaçaba recebeu em número bem menor imigrantes das colônias do sul de Santa Catarina e também de São Paulo, que chegavam à cidade pela estrada de ferro. No entanto, a maioria dos colonizadores da cidade passaram primeiro pelas colônias velhas do Rio Grande do Sul, conforme constata Radin⁵ “já na década

4 RADIN, 2001, p.91.

5 “De 70 notas de Falecimento publicadas no jornal Correio Riograndense entre 1942 e 1950, referentes as pessoas que moravam em Joaçaba (Ibicaré, Capinzal, Ouro e Jaborá) e que indicavam o local de nascimento,

de 1940, além das 28 eram da Itália e destas 23 moraram primeiro no Rio Grande do Sul” (2001, p.89).

Segundo as propagandas das Companhias Colonizadoras e também pelos depoimentos dos colonos, Radin (2001) ressalta que as novas terras já vinham sendo loteadas antes mesmo da criação do município em 1917. Em 1916 o engenheiro paulista Henrique Hacker juntamente com empresários gaúchos, já publicava propaganda das vendas de terra por todo Vale do Rio do Peixe. Porém, a maioria das terras que hoje pertencem a Joaçaba e municípios aos arredores foram loteadas a partir de 1923 pela empresa *Mosele, Eberle, Ghilardi e Companhia*⁶.

O município de Cruzeiro, assim como quase todo o oeste do estado, tinha terras bastante semelhantes às colônias velhas do Rio Grande do Sul: “férteis, mas em sua maioria montanhosas, com densas matas e próximas a vales” (RADIN, 2001, p.91), essas características fizeram com que os agricultores que migraram iniciassem aqui a mesma experiência que já haviam desenvolvido em suas antigas terras, além disso “analisando-se os registros das escrituras das terras que compuseram a estrutura agrária da região do Rio do Peixe, percebe-se claramente que os lotes coloniais que eram vendidos variavam em sua maioria, entre 20 e 26 hectares” (HEINSFELD, 1996, p.140), esta era outra forte característica que atraía os migrantes que tinham o objetivo de serem os donos da terra, mesmo que pequena, e fazer dela a subsistência da sua família.

Mesmo com as muitas propagandas, a falta de condições básicas para que os agricultores pudessem desenvolver suas atividades, manteve os colonizadores em situação bem limitada nos primeiros anos. Só depois de aproximadamente 20 anos que os migrantes já estavam no município de Joaçaba é que tem os primeiros registros de algum tipo de produção do setor primário, como destaca Radin:

Observa-se que a produção fabril, em 1939, atingia apenas 0,32% da produção geral do município, equivalendo-se à de mel. Somente a partir de 1950 é que a indústria começava a despontar, quando existiam no município 51 serrarias, 46 moinhos de trigo e milho, 14 ferrarias, 5 descascadores de arroz, 8 estoques de erva-mate, entre outras (RADIN, 2001, p.94).

6 “Mosele, Eberle e Ghilardi, possuía inicialmente o domínio de, grande extensão da terra, na margem direita do Rio do Peixe, compreendendo boa parte dos municípios de Joaçaba, Ouro, Catanduvas, Jaborá, Presidente Castelo Branco, Ipira e Peritiba. Essa empresa tinha sede em Porto Alegre, mas um dos sócios, João Mosele, residia em Marcelino Ramos, porta de entrada para o Vale do Rio do Peixe. As Companhias vendiam lotes que eram em sua maioria de 25 a 30 hectares e também faziam intensiva propaganda nas áreas coloniais gaúchas” (RADIN, 2001, p.90)

E foi através da estrutura agrária mini fundista que a agricultura familiar começou a tomar forma e importância na região de Joaçaba, que já na época “inúmeras serrarias, moinhos e empreendimentos comerciais, surgiram na região as agroindústrias familiares, de suínos e aves” (RADIN; BENEDET; MILANI, 2003, p.34) fatores determinantes para o crescimento e urbanização das cidades do Vale do Rio do Peixe.

2.5 Minifúndio e Agricultura Familiar

As terras catarinense que receberam os migrantes prosseguiram com o modelo de desenvolvimento e subsistência que já havia sido desenvolvido no Rio Grande do Sul: o da agricultura tradicional e familiar nas pequenas propriedades. Radin (2003) define agricultura familiar como:

Aquele que explora uma parcela da terra na condição de proprietário, assentado, posseiro, arrendatário ou parceiro, e atende simultaneamente aos seguintes quesitos: utiliza o trabalho direto seu e de sua família, podendo ter, em caráter complementar, até dois empregados permanente e contar com a ajuda de terceiros quando a natureza sazonal da atividade agropecuária exigir. [...] Tenha, no mínimo, 80% da renda familiar bruta anual originária da exploração agropecuária e resida na propriedade ou aglomerado rural ou urbano próximo (2003, p.103).

Radin (2001) também fala que existem na região oeste de Santa Catarina em geral estas características do minifúndio familiar por conta dos imigrantes, que em sua maioria eram agricultores pobres que se deslocavam para lugares muito diferentes daqueles que estavam habituados, sendo que a pequena propriedade para subsistência sinalizava uma forma de segurança para sua família.

Além dos fatores apontados por Radin, outro ponto tinha grande relevância na vida daqueles migrantes: o desejo dos camponeses de deixarem de ser servos para serem os donos das terras, mesmo que ele fosse um 'senhor' que trabalhasse com sua família na propriedade⁷.

Por conta da grande disponibilidade de madeira na região, uma estrada que ligava as comunidades ao centro do país e ao modelo de colonização, desenvolveu-se então na região uma colonização:

[...] baseada no sistema de colônia-venda e na pequena propriedade, que era voltada para a economia de subsistência e para comercialização do excedente (Mamigonian, 1965), estimulando, desde cedo, a formação e um mercado interno, que rapidamente se integrou a economia nacional por meio da ferrovia. [...] Esse regime de produção, baseado na pequena propriedade, permitiu uma acumulação pulverizada e, ao mesmo tempo, o surgimento de

7 Retirada de: RADIN, BENEDET e MILANI, 2003, p.55.

uma diferenciação social em que alguns colonos mais abastados começaram a subordinar o trabalho e a pequena propriedade, tornando-se grandes madeireiros ou proprietários de frigoríficos (GOULARTI FILHO, 2011, p.982).

Com isso, a partir de 1940 a agroindústria começou a se desenvolver na região e continua fortemente presente até os dias de hoje. Ainda assim, as grandes produções da época da colonização eram de trigo, milho e feijão. No mesmo ano de 1940, as safras de trigo chegavam a mais de trezentas mil sacas em Joaçaba, esta produção era incentivada pela demanda de alimentos que surgia no centro do país e também pela necessidade do colono quitar a sua terra com a empresa colonizadora⁸. O próprio Ministério da Agricultura, em 1951, ao citar as terras catarinenses “declarava terem sido elas que apresentaram os maiores índices do rendimento por hectare no Brasil” (RADIN, BENEDET e MILANI, 2003, p.53).

Porém, os colonizadores, em sua maioria descendentes de italianos e alemães, adotavam a agricultura diversificada, praticada em pequenos lotes rurais, como base econômica. Foi neste tipo de atividade que centraram suas forças e seus objetivos econômicos. A preocupação dos migrantes com a ideia de encaminhar seus filhos, de preferência na mesma atividade, favoreceu a reprodução da unidade agrícola pela divisão de lotes, quando era possível, ou pela aquisição de novos, especialmente até o final da década de 1960. Mas, a diminuição da disponibilidade de terras para agricultura familiar no oeste catarinense, fez com que muitos jovens migrassem para outras regiões, e principalmente, para centros urbanos. Essa foi a fase em que a modernização da agricultura e a revolução verde tiveram grande influência sobre o modo de vida e o modelo de desenvolvimento agrícola (RADIN, BENEDET e MILANI, 2003, p.61).

A Revolução Verde, vivida por todo o Brasil nas décadas de 60 e 70, foi basicamente a adoção na propriedade de um conjunto de tecnologias voltadas à agricultura, mecanizando a prática agrícola, a monocultura, a irrigação e incluindo no plantio o uso de agrotóxicos levando assim, até mesmo as pequenas propriedades, a terem cultivos com altas respostas de produção e diminuição dos gastos⁹. Essa produção em maior escala favoreceu o processo de modernização da região, e com ela, a construção de estradas, escolas e toda a infraestrutura que faltava na região. “O agricultor viu-se, por exemplo, diante de novas técnicas para a agricultura, da popularização da escola, da eletrificação rural e com ela a chegada da geladeira, da televisão, etc.” (RADIN, 2001, p.67). A partir de então, iniciava-se um novo momento na vida dos agricultores migrantes, seja no campo ou na cidade.

Porém, além das boas consequências, a Revolução Verde trouxe também seu lado negativo nos aspectos sociais. A mecanização do campo fez com que a terra ficasse

8 Retirada de : RADIN, BENEDET e MILANI, 2003, p.58.

9 Baseado no site: <http://www.brasilecola.com/geografia/revolucao-verde.htm> Acesso em: 25 set 2011.

concentrada e que sobrasse mão de obra, e como consequência disso, inicia-se o processo do êxodo rural e o empobrecimento dos pequenos agricultores. “Somente no período de 1980 a 1991, na região oeste de Santa Catarina, houve uma redução de setenta mil pessoas no meio rural, na maioria jovens” (RADIN, BENEDET e MILANI, 2003, p.67). Dos jovens que saíram do campo, a maioria deles alegou que “o retorno financeiro obtido na agricultura é mínimo e os riscos são muito grandes” (RADIN, BENEDET e MILANI, 2003, p.68), ou seja, o trabalho agrícola foi constantemente desvalorizado enquanto havia o crescimento das cidades.

Para Testa, o fato do êxodo envolver mais jovens “denota da falta de oportunidade e significa perda da principal força de trabalho” (FILIPPIM; NATUS apud TESTA, 2008, p.22) podendo isso contribuir para a diminuição das pequenas propriedades, mesmo sendo elas que serviram de base para o crescimento da região oeste até 1970¹⁰.

Mas, apesar de todos os problemas vividos pela região com o êxodo rural e desvalorização do trabalho na agricultura familiar, “As pequenas propriedades agrícolas ainda são a base para a criação de riquezas no interior de Santa Catarina” (FILIPPIM; NATUS, 2008, p.22). Um dos fatores que colaboram para estes índices ainda serem positivos, é a relação dos agricultores familiares com os sistemas de cooperativas existentes na região, sendo este modelo um dos principais elementos agregadores para a competitividade da agricultura catarinense no mercado nacional¹¹. Estes relatos podem ser comprovados, com o fato de que em 2007, o estado produzia sozinho 5,2% da produção agropecuária nacional¹², mesmo sua produção vindo, em sua maioria, da pequena propriedade.

2.6 Atuais Características da Região

A taxa de urbanização é utilizada para medir o status de um país. Para o IBGE, o Brasil nos anos 60, ainda era um país agrícola, com uma taxa de urbanização de apenas 44,7%. Em 1980, 67,6% do total da população já vivia em cidades. Entre 1991e 1996 houve um acréscimo de 12,1 milhões de habitantes urbanos, o que se reflete na elevada taxa de urbanização (78,4%) (TESSER; JUFFO, 2008, p.16).

Atualmente, Santa Catarina possui 293 municípios e 6.248.436 habitantes, sendo 5.247.913 na área urbana e 1.000.523 na área rural, ou seja, mais 16% do total ainda vive na área rural. Do total de habitantes, 4.402.784 urbanos e 844.120 rurais se consideram brancos, ou seja, do total de habitantes rurais mais de 84% se considera branco e do total, mais de

10 Retirado de: RADIN, 2001, p. 134.

11 Informação retirada de: ALVES; MATTEI, 2001, p.14.

12 Retirado da Síntese Anual da Agricultura Catarinense – EPAGRI – 2009/2010, p.9.

83,9% também diz ser branco¹³. Segundo Cardoso e Schulz (2002), no ano de 2002 os brancos representavam 90,5% do total da população, seguidos de 7% de pardos e apenas 2,2% de negros, do total da população da época cerca de 20% ainda residiam no campo e 80% nas cidades.

Conforme relatam Radin, Benedet e Milani (2003) o contato da população brasileira com o imigrante europeu era desejável, pois perpetuavam valores como o branqueamento da população e a conquista do progresso através da povoação e urbanização de um Brasil ainda 'desconhecido'. Apesar destes números terem diminuído nos últimos 10 anos, baseando-se nos dados acima, pode-se dizer que o governo conseguiu de certa forma, pelo menos em terras catarinenses, atingir seus objetivos: branquear a população e fazê-la urbana.

A concentração da população em área urbana, para Filippim e Natus (2008), deve-se ao processo de urbanização ocorrido a partir da década de 70, que aconteceu também pelo êxodo rural pós Revolução Verde, porém, segundo eles ainda existem cerca de 180 mil famílias em território catarinense que dependem exclusivamente da agricultura familiar.

No sentido de urbanização, para TESSER e JUFFO (2008), quando buscamos por referências dos municípios aonde esta pesquisa foi aplicada (Catanduvas, Herval d'Oeste, Jaborá, Joaçaba, Lacerdópolis, Luzerna e Ouro), Joaçaba e Luzerna são as cidades que mais apresentam características urbanas. Nesta mesma pesquisa podemos definir que já em 2008, 4 das 7 cidades já possuíam no mínimo um provedor de internet na localidade.

Segundo os dados do IBGE – Censo de 2010, podemos analisar os dados demográficos das cidades pesquisadas para que possamos analisá-las do ponto de vista rural ou urbano e suas principais características. A tabela abaixo relaciona os municípios pesquisados e seus dados demográficos.

13 Dados do Censo – IBGE – 2009/2010.

Tabela 1: Municípios pesquisados e seus dados demográficos¹⁴

Municípios IBGE	Catanduvas	Herval d'Oeste	Jaborá	Joaçaba	Lacerdópolis	Luzerna	Ouro
População Total	9555	21239	4041	27020	2199	5600	7372
População Urbana	8094	18851	1605	24924	1160	4259	4844
População Rural	1461	2388	2436	2096	1039	1341	2528
Total que se consideram brancos	6057	15263	3234	22193	1964	5029	6526
Total de alfabetizados	8260	18766	3557	24379	1965	5216	6612
Densidade Demográfica (hab/Km²)	48,25	97,95	21,14	116,29	32,12	47,93	34,66

A primeira observação pertinente é que apesar dos municípios terem grande destaque na produção agrícola, apenas um deles possui população rural maior do que a urbana: Jaborá, sendo 1605 habitantes na cidade e 2436 habitantes no meio rural. As demais cidades pesquisadas são urbanas, apesar da pesquisa ter como foco o meio rural.

A tabela também diz que estamos falando de uma população em sua maioria branca, com altas taxas de escolaridade, sendo Luzerna a maior taxa com mais de 93% da população alfabetizada e Catanduvas com a menor, tendo mais de 86% da população alfabetizada; e municípios de pequeno ou médio porte (até 30 mil habitantes), sendo o maior deles Joaçaba com pouco mais de 27 mil e a menor Lacerdópolis com 2199 habitantes.

Quando fala-se no êxodo rural do jovem no campo, Alves e Mattei (2006) analisam que existe um percentual de 31% de jovens do sexo masculino que possuem o desejo de continuar os trabalhos na agricultura no meio oeste catarinense, porém encontram dificuldades para continuar por conta da realidade produtiva. Os autores também comentam que o grau de instrução do jovem está diretamente ligado ao interesse de migrar para a cidade, nesse sentido, 71% dos entrevistados da pesquisa julgaram que de acordo com seu grau de escolaridade, possuem melhores oportunidades na cidade do que no campo.

Outro fator importante para a análise de estados e cidades é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que visa a fazer um contraponto com o Produto Interno

¹⁴ Tabela baseada nos dados do Censo IBGE 2010 disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 29 ago 2011.

Bruto (PIB). O IDH aponta que o desenvolvimento de uma localidade não tem apenas ligação com seus fatores econômicos, mas também por outras características sociais, culturais e políticas que influenciam na qualidade de vida.

Com os dados disponíveis do último IDH municipal e estadual no Brasil são do ano de 2000, segundo o ranking dos estados¹⁵, Santa Catarina é o segundo melhor estado para viver no país, tendo o Distrito Federal como primeiro e São Paulo como terceiro. Na atualização do IDH estadual referente ao ano de 2005, os três primeiros estados mantiveram sua posição de desenvolvimento no ranking¹⁶.

Já na tabela de dados municipais¹⁷ de todo o Brasil, das 7 cidades pesquisadas, três estão entre os melhores IDH tendo Joaçaba com oitavo lugar, seguida pelo vigésimo de Luzerna e vigésimo segundo de Lacerdópolis. No ranking estadual Joaçaba ocupa o lugar da terceira melhor cidade, precedida por Florianópolis e Balneário Camboriú respectivamente.

Nos dados do PIB, o estado em 1995 ocupava 3,4% do total nacional, em 2007 este número cresceu para 3,9%, o que caracterizava o estado como a sétima economia do país. A produção agropecuária catarinense representa 5,2% do total produzido no país em 2007¹⁸ porém, tendo em vista o total da produção estadual a “região oeste é a principal em produção agroalimentar do estado” (ALVES; MATTEI, 2006, p.7).

Com base nos dados, deve-se contextualizar sempre o pensamento em relação a esta pesquisa, tendo em vista a inserção em famílias de classe média a alta e de IDH elevado, em comparação a estudos de outras regiões do país.

15 Dados baseados no link: <http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20de%20Estados%20%28pelos%20dados%20de%202000%29.htm> Acesso em 10 out 2011.

16 Dados baseados no link: http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3039&lay=pde Acesso em 03 nov 2011

17 Dados baseados no link: <http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20%28pelos%20dados%20de%202000%29.htm> Acesso em: 10 out 2011.

18 Retirado da Síntese Anual da Agricultura Catarinense – EPAGRI – 2009/2010, p.10

3 CAPÍTULO 3 – CHEGADA DAS TECNOLOGIAS NO MEIO RURAL

3.1 Eletrificação Rural e a Chegada dos Meios de Comunicação

O processo de eletrificação rural teve início por volta de 1923 no interior Paulista, que em geral se iniciaram por meio do interesse de cafeicultores da época em investimentos nas linhas ferroviárias, ampliação dos portos e também energia para beneficiar a produção. Na época, a energia era gerada e distribuída por concessionárias de acordo com o poder público, porém, depois da crise de 1929¹⁹, o aumento nas tarifas de energias chegou ao produtor, o que desagradava aos agricultores pelo preço da energia e às concessionárias pelo baixo custo-benefício. (SOUZA; ANJOS, 2007)

Já por volta de 1950 surgem no Brasil cooperativas de eletrificação rural que aos poucos foram crescendo com a participação financeira dos governos estaduais e municipais. O objetivo destas cooperativas nada mais era que “fornecimento de eletricidade a distritos e vilarejos, gerando energia mediante aproveitamento hidrelétrico via construção própria ou de pequenos geradores” (SOUZA; ANJOS, 2007, p.43). Este fato contribuiu com a expansão da energia nas pequenas propriedades e em vilarejos mais distantes do centro Rio-São Paulo, o que ajudou bastante aos produtores catarinenses.

Mas depois de várias tentativas, como por exemplo criar em 1970 o Grupo Executivo de Eletrificação Rural (na época subordinado ao INCRA e que movimentava o dinheiro do I Plano Nacional de Eletrificação Rural), em 1999 é lançado o “Programa Luz no Campo” pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, que previa a chegada da energia elétrica para um milhão de propriedades rurais em quatro anos. Mesmo sendo a maior eletrificação rural que o país já havia visto até então, em 2004 o programa ainda não tinha alcançado a meta de um milhão de ligações, chegando apenas a 634.594 em 3.711 municípios, isso porque grande parte dos investimentos deveriam ser arcados pelo próprio consumidor, causando desinteresse na população (SOUZA; ANJOS, 2007).

Souza e Anjos (2007) escrevem que o impulso de eletrificar o país foi retomado por Luíz Inácio Lula da Silva com o programa “Luz para Todos” que tinha como meta levar a luz para 12 milhões de pessoas até 2008, sobretudo as de baixa renda. A diferença deste programa para o anterior é a não exigência da contrapartida do consumidor para a instalação elétrica.

¹⁹ A crise de 1929 é considerado o período de maior recessão econômica mundial, com altas mudanças na economia, tendo os Estados Unidos como precursores da crise após a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. <http://www.infoescola.com/historia/crise-de-1929-grande-depressao>. Acesso em 15 out 2011.

Tabela 2: Municípios pesquisados e domicílios com e sem energia²⁰

Municípios	Catanduvas	Herval d'Oeste	Jaborá	Joaçaba	Lacerdópolis	Luzerna	Ouro
Energia							
Domicílios com Energia	2968	6880	1272	9056	691	1915	2344
Domicílios sem Energia	13	21	1	13	1	1	2

Nos municípios pesquisados, tendo como base o censo demográfico de 2010, o número de domicílios sem energia elétrica é mínimo, sendo o que possui maior número é Herval d'Oeste. Estes dados podem ser analisados positivamente como reflexo dos processos de eletrificação pelo qual o país passa desde 1930.

“O acesso à energia elétrica interfere na vida do homem do campo, tanto no aspecto da eficiência microeconômica quanto nos termos de sua integração social. [...] A noção de estilo de vida moderno está intimamente vinculada ao abastecimento energético regular.” (GUSMÃO et al., 2002, p.1) Ou seja, a chegada da energia elétrica no campo diminui as desigualdades entre a cidade e o campo e prescinde a chegada da televisão, rádio, computadores e internet na casa do produtor rural.

Com energia elétrica, o rádio e a televisão se popularizaram no campo, e com eles novos comportamentos chegavam a seus lares arraigados em princípios culturais anteriores à eletricidade.

A televisão não interferiu apenas no aspecto moral da família, mas também no modo das pessoas se relacionarem e se divertirem. Ela passou a ocupar o tempo livre da noite, antes das filós ou de outros encontros de amigos. Esse contexto de transformações pelo qual o Brasil passou, a partir de 1960, interferiu diretamente na organização social e familiar das comunidades ítalo-brasileiros, rompendo o isolamento que as mesmas se encontravam. (RADIN, 2001, p.143).

Assim, os costumes foram se modificando e ficando cada dia mais ligados aos novos meios que surgiam no campo em decorrência da energia elétrica, não só pela novidade mas também pela necessidade de possuir os meios que diminuía as desigualdades entre os moradores rurais e urbanos. Os agricultores começam a levar para suas propriedades as novidades mundiais, que incluem as tecnologias de informação e comunicação (TICs).

²⁰ Tabela baseada nos dados do Censo IBGE 2010 disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 16 out 2011.

3.2 Modernização e Popularização das Tecnologias

O mundo globalizado vem passando por fortes mudanças tecnológicas desde a Revolução Industrial²¹ que expandiu pelo mundo a partir do século XIX. A primeira etapa da Revolução Industrial foi caracterizada pela máquina a vapor e a substituição do serviço manual pelas máquinas, e a segunda, que ocorreu quase 100 anos depois, este vinculada ao desenvolvimento da eletricidade, motor de combustão interna e início da difusão das tecnologias de comunicação, como telégrafo e telefone (FELICIANO; BROETTO; PEREIR; LAPOLLI, 2007).

Em 1980 testes já eram feitos com conexões à internet de baixa velocidade, porém, o acesso a esta tecnologia ainda não era comercializado. Foi apenas após 1990 que de computadores com acesso à internet de uso privado começaram a entrar no mercado mundial com mais força, e por consequência deste mercado houve a modernização de *softwares* para que pessoas que não detinham conhecimento na área de informática pudessem ser capazes de manusearem os novos aplicativos. Nesta onda também foram desenvolvidos o *www* (World Wide Web), linguagem HTML de sites, *softwares* de acesso à internet, sites de busca, blogs, ferramentas de redes e mensagens instantâneas, e com isso, a evolução da velocidade do acesso. Mas é apenas em meados do ano de 1995 que os primeiros servidores comerciais de acesso à internet começaram a se tornar populares no Brasil.

Com o desenvolvimento das ferramentas “a velocidade com que surgem estas novidades tecnológicas é cada vez maior” (FELICIANO; BROETT; PEREIRA; LAPOLLI, 2007, p.20) tendo em vista o momento atual das novas inserções tecnológicas, e a partir desta grande disponibilidade de novidades que os equipamentos se aprimoram e levam consigo a popularização do acesso, como comenta Santaella:

[...] a propensão é de se alastrar tendo em vista que a tecnologia dos computadores tende a ficar cada vez mais barata. Dominada pelo microchip, essa tecnologia dobra aproximadamente de poder a cada 12 a 18 meses. À medida que cresce seu poder, seu espaço declina e seu mercado aumenta. Esse crescimento é um indicador fundamental porque a produção, o arquivamento e a circulação da moeda corrente da informação dependem do computador e das redes de telecomunicação, estes, na verdade, os grandes pivôs de toda essa história (SANTAELLA, 2003, p.28).

21 A Revolução Industrial consistiu em um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. Iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, tomou proporções mundiais a partir do século XIX. Ao longo do processo, a era da agricultura foi sendo superada e a máquina substituindo o trabalho humano, com isso, novas relações homem e trabalho foram surgindo, inclusive o fenômeno da cultura de massa. Baseado em: <http://educacao.uol.com.br/historia/revolucao-industrial-evolucao-tecnologica-transforma-as-relacoes-sociais.jhtm> Acesso em: 18 out 2011.

Conforme os computadores ficaram mais baratos e acessíveis à população, foram chegando antes em lares de difícil acesso, e com eles, levando a conexão com o mundo virtual, que também evoluiu da conexão discada para a banda larga. Como defende Santaella na citação acima, a inclusão destas novas TICs faz com que o agricultor familiar fique mais atento às mudanças mundiais, antes de mais difícil acesso. Ou seja, sempre que o poder da computação cresce, o tamanho e o preço dos equipamentos diminuem e a capacidade de aumenta.

3.3 Tecnologias no Campo

Uma revolução lenta e silenciosa acontece no setor agrícola brasileiro. Aos poucos, produtores rurais de diferentes perfis quebram o isolamento – típico de comunidades separadas dos grandes centros por estradas precárias e sistemas de comunicação ineficientes – e entram no mundo digital. Hoje, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) estão inseridas nas atividades rurais como um fator de competitividade (ASSAD; PANCETTI, 2011, p.1).

Com bons índices de lares rurais e urbanos possuindo acesso à energia elétrica, o acesso às tecnologias aumentou. Geralmente no meio rural, o acesso se torna mais complicado por condições geográficas, mas mesmo assim nos últimos anos o campo vem se incluindo digitalmente e inserindo as TICs no dia a dia do trabalho e da família.

Tecnologia de Informação e Comunicação tem significado amplo, sendo ela o uso de computadores para “adquirir, armazenar, manipular, transformar, gerenciar, movimentar, controlar, mostrar, [...] trocar, transmitir e receber dados” (FRANCISCO; PINO, 2011, p.28), então, TICs são as novas inserções tecnológicas que de alguma forma ajudam no dia a dia rural e ao mesmo tempo proporcionam interação do usuário com outro locais.

Quando esta pesquisa analisa como o uso de um computador com acesso à internet pode transformar o cotidiano rural, estamos falando para além das TICs e dos processos de Inclusão Digital propriamente ditos, levamos em consideração que a “internet não é simplesmente uma tecnologia: é um meio de comunicação” (CASTELLS, 2003, p.116). Logo, a pesquisa irá se ater aos estudos de transformação do cotidiano causada pela chegada de um computador com conexão à internet, com base nos autores apresentados e suas teorias.

Castells (2003) defende que vivemos em uma 'sociedade da informação'. Em A Galáxia da Internet, o autor divide seu livro em uma estrutura de quatro camadas para analisar a cultura da internet: a cultura tecnomeritocrática, a cultura *hacker*, a cultura comunitária

virtual e a cultura empresarial. Castells fala que as camadas citadas estão hierarquicamente dispostas como explica no parágrafo a seguir:

[...] a cultura tecnomeritocrática especifica-se como uma cultura *hacker* ao incorporar normas e costumes a redes de cooperação voltadas para projetos tecnológicos. A cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da internet um meio de interação social seletiva e de integração simbólica. A cultura empresarial trabalha ao lado da cultura *hacker* e da cultura comunitária, para difundir as práticas da internet em todos os domínios da sociedade como meio de ganhar dinheiro. (2003, p.34-35)

Quando o autor refere-se à cultura ele a entende como um conjunto de valores e crenças que formam o comportamento.

Trabalhando a internet e a sociedade, hipertexto, convergência, ciberespaço, a cultura da internet e a geografia, o autor coloca pontos sobre a difusão, uso e possibilidades que a Galáxia da Internet proporciona e cria em seus usuários. Mas, para que a população tenha acesso aos usos da conexão, ela precisa ter acesso a ela de alguma forma. Castells pondera que dentro dos países há uma grandes diferenças espaciais na difusão do uso e do alcance da internet. O autor coloca que as áreas urbanas vêm em primeiro lugar em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, assim “áreas rurais e as pequenas cidades ficam consideravelmente para trás em seu acesso ao novo meio” (CASTELLS, 2003, p.174).

As áreas pesquisadas são rurais e pertencem a pequenas cidades, o que segundo Castells, dificulta o acesso a conexão. Assim, os incentivos do governo, sejam nacionais ou estaduais, são de importância para levar a conexão à internet para as áreas de difícil acesso. Como incentivo governamental para os processos de inclusão digital no meio rural, Santa Catarina conta com o projeto Projeto Beija-Flor desde 2004, que surgiu para reduzir os índices de exclusão digital no estado, principalmente da população rural. O projeto tem como objetivo garantir o acesso dos agricultores às TICs, para melhoria do acesso à informação e conhecimento do uso de computadores ligados à internet, além disso, o projeto visa à qualificação da mão de obra da nova geração de agricultores, gerando também qualidade de vida nas comunidades rurais. No ano de 2009, o projeto já beneficiava cerca de 20.000 agricultores por mês, com um total de 129 telecentros espalhados pelo território catarinense, além disso, cerca de 80% do total das pessoas já participou no mínimo de uma atividade de capacitação oferecida pelo Beija-Flor (FELICIANO; BROETTO; PEREIRA; LAPOLLI, 2007).

No âmbito federal, o governo possui alguns projetos de destaque na área rural, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)²² e o Programa Nacional de Telecomunicações Rurais²³. O Pronaf apoia basicamente o crédito com taxas de juros menores ao pequeno produtor rural, já o programa de Telecomunicações, ligado ao Ministério das Comunicações, teve sua portaria publicada em 23 de julho de 2009 no Diário Oficial da União, e determinou, entre outras ações, que o projeto iniciaria em 2010 e cobriria zonas remotas com telefonia e banda larga, garantindo a cobertura não só das residências, mas também das mais de 80 mil escolas rurais espalhadas pelo Brasil.

Outro incentivo atual no Brasil, que teve seu lançamento em maio de 2010, é o Plano Nacional da Banda Larga (PNBL), que tem como objetivo massificar o acesso a internet banda larga no país até 2014. Este plano não é exclusivo para o meio rural, como os citados acima, e até a data pesquisada, nenhum dos municípios do meio oeste de Santa Catarina aonde foram feitas entrevistas haviam sido beneficiados pelo PNBL²⁴.

22 Retirado de: <http://www.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf> Acesso em 25 out 2011.

23 Retirado de: <http://www.mc.gov.br/noticias-do-site/21328-ministerio-das-comunicacoes-cria-programa-nacional-de-telecomunicacoes-rurais> Acesso em: 14 out 2011.

24 Retirado de: <http://www.mc.gov.br/component/content/article/140-banda-larga-concessionarias/23797-sc-municipios-atendidos> Acesso em: 18 nov 2011.

4 CAPÍTULO 4 – COM A PALVRA, A *FOLK*COMUNICAÇÃO

4.1 Breve passagem por: O que é Cultura e Cultura Digital?

O antropólogo Roque Laraia começa seu texto 'Cultura, um conceito antropológico' pontuando que no livro de Ruth Benedict 'O Crisântemo e a Espada' de 1972, o conceito de cultura é definido como “a lente através do qual o homem vê o mundo”, e que, nesta linha de pensamento, homens de diferentes culturas usam lentes diversas, fazendo com que tenham visões desconectadas umas das outras a respeito das coisas.

O antropólogo continua o texto explicando que o modo de ver o mundo, os gostos morais e de juízo de valor, os diferentes comportamentos sociais e até as posturas corporais são fruto da herança cultural de cada pessoa, assim, pessoas com diferentes heranças culturais podem ser identificadas facilmente pelas suas características intrínsecas, como o modo de vestir, agir, comer, e manifestar linguisticamente.

Na mesma linha de pensamento, José Luiz dos Santos afirma que “cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade” (2006, p.44) ou seja, a cultura de cada um é construída no dia a dia por meio das antigas e novas intervenções que o mundo proporciona, cabendo a cada um distinguir o que fará parte da sua cultura particular ou não.

Assim, qualquer sistema cultural está em pleno processo de modificação, sendo o tempo um fator importante para a análise e mudança da cultura (LARAIA, 1992, p.100). A chegada de uma tecnologia como o computador, por exemplo, traz com ela transformações cotidianas que após um tempo, em muitos casos, acabam entrando para o repertório cultural da pessoa, família ou até mesmo da comunidade em que a pessoa está inserida.

Um novo conceito de cultura está ganhando força com o avanço das tecnologias, é a 'cultura digital' comentada por Alfredo Manevy no livro “Cultura Digital.br” não só como uma tecnologia, mas como um conjunto de valores:

Alguns tratam a cultura digital só como uma tecnologia, só como uma técnica, como uma novidade, esse conjunto de transformações da tecnologia que dos anos 70 para cá vem transformando o mundo analógico neste mundo do bit, algo invisível, mágico, que o digital engendra. Agora, se pensarmos como cultura e não só como suporte, acredito que captamos a essência desta transformação, que é a cultura das redes, do compartilhamento, da criação coletiva, da convergência. São processos vivos de articulação, processos políticos, sociais, que impactam nosso modo de vida, de construção e de formulação. E que encontra no digital não um suporte, mas um modo de elaboração. (SAVAZONI; COHN, 2009, p.35)

Aliando-se ao conceito original de cultura, a cultura digital se desenvolve para suprir uma necessidade de conceituar as novas atitudes culturais vividas pelos usuários das tecnologias digitais. Estes usuários utilizam os novos meios para se comunicarem com o mundo de sua forma, por meio do olhar de sua cultura, assim, enviam e recebem informações a sua maneira. Estas trocas de informações feitas de forma interpessoal podem ser chamadas de comunicação popular, conceito trabalhado a seguir.

4.2 Comunicação Popular e Cultura Popular

Segundo Martín-Barbero (1993) “comunicação” é um conceito integrado à cultura, para ele a comunicação envolve emissor, receptor, canal e mensagem em contexto cultural tendo a mediação como o centro das discussões. No modelo linear das primeiras décadas do século XX, idealizado por Harold Laswell, as posições do emissor e do receptor eram permanentes e distantes. Na perspectiva de Wilbur Schramm, algumas décadas mais tarde, as posições do emissor e do receptor são intercambiáveis. Assim, quem é emissor em um momento dado pode tornar-se receptor mais adiante, e vice versa (HOHLFELDT, 2002). O conceito de comunicação discutido por Hohlfeldt conecta-se com as questões comunicacionais da cultura digital, quando trata as questões do emissor e receptor com a flexibilidade que os novos meios proporcionam aos seus usuários.

Quando se pensa em cultura popular, é necessário localizar em que meios os processos folclóricos destes grupos acontecem. As manifestações chamadas de folclóricas ocorrem através da produção e do “resgate e interpretação da cultura popular” (MELO, 2008, p.17). A partir disso, a produção de qualquer classe ou grupo social faz parte do conjunto cultural daquele grupo de pessoas, e o produto gerado por estes grupos é conhecido como cultura popular.

Para contextualizar os meios pelos quais se constitui a cultura popular, pode-se pensar no conceito de Canclini (1982. p.42):

As culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnias por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida.

A comunicação específica destes grupos de cultura popular é pensada como comunicação popular. “A comunicação popular no Brasil nasce efetivamente a partir dos movimentos sociais e grupos sociais” (FESTA; SILVA, 1986, p.25).

Para a pesquisadora e jornalista Christa Berger (1989), o estudo da comunicação popular redefiniu alguns marcos de problemática da comunicação. Durante muito tempo, pensar a comunicação significou discutir os meios, canais, mensagens. Agora, dialogar sobre a comunicação popular implica falar de cultura, de relação.

É bem verdade que as manifestações populares surgem das necessidades primeiras de trocas simbólicas de materiais para a sobrevivência em comunidade, ligadas a questões que vão da moradia à alimentação, da saúde a fé. [...] a cultura é o resultado, onde cada grupo social se manifesta de modo a criar referências, estabelecer diálogos e conquistar espaços sociais que lhe proporcionem uma vida melhor. (BERGER, 1989, p.19)

Nesse sentido, a cultura pode ser então o processo que cria códigos, sinais e comportamentos que identificam cada grupo. “O universo da cultura está ligado ao cotidiano, onde se apresentam aspectos da vida: físicos, simbólicos e imaginários.” (SCHMIDT, 2008, p.3)

Peruzzo (1998, p.118) defende que a comunicação popular engloba vários significados aonde existem três correntes de seu estudo: a popular-alternativa, a popular-massivo e a popular-folclórico. O autor entende o popular como aquele que “abarca o universo das expressões culturais tradicionais e genuínas do 'povo', presentes em manifestações folclóricas, festas, danças, ritos, crenças, costumes, objetos etc”.

Assim, a inserção de objetos que podem modificar a cultura, como o computador, pode trazer mudanças nas formas de comunicação popular e de cultura popular dos grupos em estudo. Para entender melhor estes processos de mudanças comunicacionais relacionados a cultura, falaremos sobre o conceito de Luiz Beltrão, a *folkcomunicação*.

4.3 O que é *Folkcomunicação*?

A palavra *folkcomunicação* foi utilizada pela primeira vez por Luiz Beltrão. Nascido em Olinda (PE) no ano de 1918, mudou-se para Brasília a convite do governador Castelo Branco para assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). É também na UnB que Beltrão torna-se o primeiro doutor em comunicação no

país, tendo sua tese de doutoramento sob o título de *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos expressão e ideias* (1967). Para Beltrão a *folkcomunicação* é:

A vinculação estreita entre folclore e comunicação popular, [...] Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. (MELO apud BELTRÃO, 2008, p.8)

Folkcomunicação, ou comunicação popular como define José Marques de Melo (2008), é o estudo dos processos comunicacionais, manifestados através do folclore e cultura popular, com inserção nos meios de comunicação de massa. Porém, esta comunicação não se limita apenas a grande imprensa, como a televisão, o rádio, o cinema e as pessoas que dominam esta área como artista e estudantes desta ciência, mas também pelas conversas na rua, nos bares, no dia a dia de locais de grande circulação de pessoas, pelas manifestações folclóricas ou qualquer comunicação local que seja importante para aquela região.

Portanto, a dita comunicação popular pode aparecer nas mais variadas formas, em mensagens escritas na porta dos banheiros, nos pára- choques de caminhão, na música popular, nos poemas, nas lendas, nos amuletos. “É neste ponto que Beltrão afirma que a *folkcomunicação* é a comunicação dos marginalizados, ou seja, daqueles que estão à margem da grande mídia e precisam comunicar aos seus pares alguma informação.” (DOURADO, 2010).

Sendo assim, a *folkcomunicação* é uma disciplina que se dedica ao estudo dos “agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias” (MELO, 2008, p.28), ou seja, quem faz e através de que meios se faz a comunicação nas manifestações e conteúdos populares. Neste contexto, o folkcomunicador seria uma “espécie de tradutor de conteúdos sociais” (CERVI, 2007, p.43) principalmente os conteúdos que estejam relacionados a alguma mudança de comportamento ou padrão cultural. Como um complementador, o folkcomunicador interliga o mundo da comunicação de massa com o da comunicação popular.

Quando se estuda e pensa em *folkcomunicação*, pode-se também considerar o conceito desenvolvido por Hohlfeldt (2002, p.25) que ressalta:

A folkcomunicação não é o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras

cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

As manifestações culturais e folclóricas podem se dar a partir das mais variadas formas de comunicação, sendo elas modernas ou tradicionais, questões que podem ser firmadas pela pesquisadora da Rede Folkcom, Cristina Schmidt, em seu artigo intitulado “*Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina*” fala:

Nos processos folkcomunicacionais os meios estão vinculados à prática cotidiana. Muitas vezes, grupos se comunicam por meio da alimentação, como já mostrou Câmara Cascudo; por meio das festas, estudado pela Rede Folkcom em pesquisa nacional; por meio de ex-votos, como elucidou o próprio Beltrão em seu trabalho pioneiro; por meio da internet, como apontam as novas pesquisas. (SCHMIDT, 2008, p.1)

A internet, definida como “a espinha dorsal da comunicação global medida por computadores: é a rede que liga a maior parte das redes.” (CASTELLS, 2002, p.431) é marco de uma geração de produtores culturais que utilizam novos meios para transpor sua cultura. Cada qual manifesta sua cultura e suas relações culturais da maneira com que estão inseridos na conjuntura global. O folclore e a comunicação sofrem alterações conforme novas formas de expressão que a eles podem se interligar vão surgindo, e a internet pode fazer não só os registros destas culturas mudarem, mas também a forma de conviver culturalmente.

Os “Novos Caipiras”, como define Cristina Schmidt (2011) em seu artigo, são aquelas pessoas que moram e trabalham no campo ou roça e em sua maioria vivem em localidades distantes dos centros urbanos, e que por isso, possuem menos acesso às formas de comunicação, ficando desprovidos delas e que por isso foram taxados muitos anos de ‘inferiores’ em nível de conhecimento. Porém, a autora comenta as mudanças que estes trabalhadores rurais sofreram ao longo de anos, fazendo-os bem sucedidos economicamente, Cristina comenta ainda, para finalizar, que a vida na roça acabou se tornando um “objeto de desejo” de muitos moradores urbanos em meio à globalização, uma vez que os centros menores oferecem melhor qualidade de vida, distantes dos colapsos dos grandes centros, e hoje já possibilitam acesso à comunicação e bens de serviço antes só disponibilizados no meio urbano, ou seja, houve uma inversão de papéis.

O conceito de comunicação rural, foi definido por Juan Diaz Bordenave em 1981 como sendo a comunicação pessoal e interpessoal que incrementa o fluxo da comunicação rural-rural e rural urbana, considerando as características específicas da cultura daquela

localidade (LIMA, et al., 2011). Para o autor, as tecnologias são necessárias e bem vindas para o bom desenvolvimento pessoal dos moradores rurais e também para a sua localidade.

As tecnologias fazem parte dos processos de desenvolvimento e devem ser incorporadas e utilizadas em favor social. [...] Um exemplo disso é a maneira com que os produtores rurais se reúnem para defender seus interesses. As tecnologias podem facilitar o encontro e encaminhamento das deliberações, e a viabilidade da produção, o que lhes permite passar de um consumo puramente econômico, necessário às respectivas produções, a um consumo político localmente definido em função de outras conquistas coletivas. (LIMA, et al., 2011, p.7)

Assim, a chegada do computador com conexão à internet leva consigo novas visões de cotidiano no meio rural, aliando novos conceitos de comunicação, cultura, tecnologia, acesso e até mesmo inovando nas formas de se relacionar com o passado, trazendo a *folkcomunicação* como o conceito que “interliga a tradição e a modernidade”, como afirma Melo (2008).

Além disso, os estudos *folkcomunicacionais* estão presentes nesta pesquisa quando “impulsionados pelas novas tecnologias de informação e comunicação, as expressões culturais sofrem modificações [...] a partir de descobertas feitas pelos próprios integrantes” (GADINI; WOITOWICZ, 2007, p.66) ou seja, quando o pequeno produtor tem a possibilidade de transformar seu cotidiano com o acesso a o uso de algum tipo de tecnologia, ele o faz a partir de seu conhecimento e da sua cultura, sendo eles mesmos os protagonistas de possíveis mudanças com o aporte das tecnologias.

5 CAPÍTULO 5 – PESQUISA DE CAMPO

5.1 Ponderações sobre a pesquisa de campo

Este capítulo reunirá as informações coletadas nas entrevistas feitas de 30/08 a 10/09/2011, bem como a análise dos depoimentos e dados recolhidos em campo. Para ressaltar, todas as entrevistas tiveram como cidade central Joaçaba, no meio-oeste catarinense, e as cidades que fazem divisa territorial com a mesma: Catanduvas, Herval d'Oeste, Jaborá, Lacerdópolis, Luzerna e Ouro, sendo que os dados de limite territorial foram retirados do site da Prefeitura Municipal de Joaçaba²⁵.

Estas cidades foram escolhidas pelo histórico da região, fortemente ligado à colonização com práticas de agricultura familiar, bem como pela agricultura ser base de sustento de muitos moradores, não só das cidades pesquisadas, mas também de boa parte dos catarinenses em geral, especialmente no meio-oeste por conta das características do relevo, cultura da colonização italiana, entre outros.

As entrevistas foram feitas sempre com a presença do pesquisador e da representante da Coperio, com ambas ficando em cada propriedade um período mínimo de tempo, o intuito era se inteirar de informações cotidianas que não são descritas nas entrevistas gravadas e também observar o mínimo do cotidiano das famílias que vivem da agricultura familiar. Em geral as visitas tiveram duração mínima de duas horas e de no máximo quatro horas. Enquanto as entrevistas eram feitas, a representante da cooperativa esteve na propriedade para acompanhar a pesquisadora até o local e apresentá-la a família, após isso desenvolvia seu trabalho, não estando junto a pesquisadora fazendo qualquer tipo de influência sobre os entrevistados.

A escolha dos entrevistados foi feita com base na autora Verena Alberti (2011) que em seu livro relata que a escolha não deve ser dada por meio dos critérios quantitativos, mas sim qualitativos, ou seja, selecionar participantes que já participaram, viveram ou presenciaram experiências ligadas ao tema proposto pela pesquisa e que por sua vez possam fornecer depoimentos significativos para o resultado final.

Não há como definir um modo de entrevista para aplicar em todas as famílias, uma vez que na agricultura o dia é muito versátil e com divisão das tarefas do dia, assim, cada membro da família possui seu horário de trabalho o que impossibilitou, em alguns casos, a reunião de todos os membros da família para uma entrevista em conjunto. Nestes casos que não se pôde

25 <http://www.joacaba.sc.gov.br> Acesso em: 12 nov 2011.

entrevistar a todos, a coleta de dados foi feita no local onde o membro da família estava exercendo a sua tarefa. Mesmo assim, nos dias de visita, havia membros da família que não se encontravam na propriedade, ou que estavam em localidades distantes, estes membros não foram incluídos nas entrevistas nem na coleta de dados. Foram considerados filhos que não residem mais na propriedade dos pais, mas no dia da entrevista estavam presentes na casa da família.

Houve a tentativa da pesquisadora manter um distanciamento em relação à opinião dos entrevistados, agindo sobretudo como uma instigadora dos assuntos e observadora do cotidiano vivido. Então, as informações todas foram colhidas por meio da história oral, que Verena Alberti (2001) define como uma metodologia qualitativa de pesquisa que consiste em colher depoimentos ou entrevistas gravadas com pessoas aptas a dar seu testemunho, baseados em sua vivência e em acontecimentos vivenciados, a qual possibilitou e embasou teoricamente a gravação dos conteúdos através das perguntas pré-elaboradas a respeito do tema.

Os depoimentos juntamente com os momentos vivenciados com às famílias propuseram um melhor conhecimento das influências geradas pelas tecnologias acessadas pelas famílias de agricultores familiares das cidades limítrofes à Joaçaba. A análise das entrevistas foi baseada nos dados coletados em campo, no histórico sócio-econômico da região e na base teórica apresentada anteriormente.

5.2 Quem são os participantes desta pesquisa?

Os participantes das entrevistas foram os membros de famílias de agricultores das mais variadas idades. A ideia da pesquisa era justamente saber a influência do computador na família em geral, por isso não houve separação de faixa etária, mas sim a seleção de famílias para as entrevistas. O entrevistado mais velho e o mais novo tinham na data da entrevista, respectivamente, 67 e 11 anos, ou seja, uma diferença de idade de 56 anos.

Assim, foram entrevistadas 26 pessoas dentro de 7 famílias, dos 26 entrevistados, 15 eram do sexo masculino e 11 do sexo feminino. O depoimento de todos os participantes podem ser conferidos na mídia em anexo a este trabalho. As famílias entrevistadas foram: Rama, em Catanduvas; Cenci, em Herval d'Oeste; Rabaioli, em Jaborá; Bernardi, em Joaçaba; Albiero, em Lacerdópolis; Costa Beber, em Luzerna; e Franck, em Ouro. Assim, os dados dos entrevistados estão dispostos nas tabelas abaixo, separados por família/cidade.

Tabela 3: Família Rama/Cidade Catanduvas, comunidade Vera Cruz.

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Ascendência	Estado Civil
Edivaldo Rama	Masculino	23	Segundo Grau completo	Italiana	Solteiro
Edicléia Aparecida Rama	Feminino	19	Segundo Grau completo	Italiana	Solteiro
Antônio João Rama	Masculino	48	Fundamental Completo	Italiana	Casado

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Tabela 4: Família Albiero/Cidade Lacerdópolis, comunidade Linha São Paulo.

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Ascendência	Estado Civil
Silvano Paulo Albiero	Masculino	27	Primeiro Grau completo	Italiana	Solteiro
Odete Albiero	Feminino	46	Fundamental Completo	Italiana	Casado
Daniel Albiero	Masculino	49	Fundamental Completo	Italiana	Casado

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Tabela 5: Família Costa Beber/Cidade Luzerna, comunidade Linha Grafunda.

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Ascendência	Estado Civil
Mailon Costa Beber	Masculino	22	Segundo Grau Completo	Italiana	Solteiro
Marilde Costa Beber	Feminino	49	Fundamental Completo	Italiana	Casado
Everaldo Costa Beber	Masculino	53	Primeiro Grau Completo	Italiana	Casado

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Tabela 6: Família Bernardi/Cidade Joaçaba, comunidade Linha Ficagna.

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Ascendência	Estado Civil
Leucir Antônio Bernardi	Masculino	40	Primeiro Grau completo	Italiana	Solteiro
Catarina Casanova Bernardi	Feminino	61	Fundamental Completo	Italiana	Casado
Onofre Bernardi	Masculino	67	Fundamental Completo	Italiana	Casado

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Tabela 7: Família Cenci/Cidade Herval d'Oeste, comunidade Sede Belém.

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Ascendência	Estado Civil
Naira Salete Cenci	Feminino	46	Primeiro Grau completo	Italiana	Casado
Luiz Cenci	Masculino	49	Segundo Grau Completo	Italiana	Casado
André Luiz Cenci	Masculino	25	Segundo Grau Completo	Italiana	Solteiro
Marcos Henrique Cenci	Masculino	24	Segundo Grau Completo	Italiana	Solteiro
Lucas Felipe Cenci	Masculino	19	Segundo Grau Completo	Italiana	Solteiro

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Tabela 9 - Família Rabaioli/Cidade Jaborá, comunidade Lajeado Andrade.

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Ascendência	Estado Civil
Valdir Rabaioli	Masculino	47	Fundamental Completo	Italiana	Casado
Terezinha Salete Calegari Rabaioli	Feminino	47	Fundamental Completo	Italiana	Casado
Samara Rabaioli	Feminino	17	Segundo Grau Completo	Italiana	Solteiro
Fabiana Rabaioli	Feminino	14	Primeiro Grau Incompleto	Italiana	Solteiro
Soila Lucia Rabaioli	Feminino	21	Superior Completo	Italiana	Solteiro

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Tabela 8: Família Franck/Cidade Ouro, comunidade Linha Leãozinho.

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Ascendência	Estado Civil
Roberto Franck	Masculino	37	Fundamental Completo	Alemã	Casado
Marijani Prando Franck	Feminino	39	Segundo Grau Completo	Italiana	Casado
Robson Matheus Franck	Masculino	11	Primeiro Grau Incompleto	Italiana e Alemã	Solteiro
Elaine Rosane Franck	Feminino	14	Segundo Grau Incompleto	Italiana e Alemã	Solteiro

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

5.3 Análise das Entrevistas

A análise dos conteúdos coletados se dará por meio da seguinte divisão de categorias: Visão geral sobre as famílias, computador e acesso à internet; Computador, internet e gestão da propriedade; Computador, internet e a distância territorial; Computador, internet e os jovens agricultores e; Computador, internet e a vida em família e afetiva. As análises iniciam-se abaixo.

5.3.1 Visão geral sobre as famílias, computador e acesso à internet

Primeiramente, serão apresentados os dados referentes ao questionário sócio-econômico feito com todas as famílias participantes da pesquisa para contextualizar as características dos participantes. O modelo do questionário respondido pelas famílias encontram-se no apêndice desta monografia.

A primeira pergunta do questionário tinha o seguinte enunciado “de qual cor você(s) considera sua família?”, em 100% dos questionários a resposta foi branca, o que corrobora as questões apontadas no capítulo sobre imigração, que tratam da uniformidade da região pesquisada. A segunda questão também faz ligação com as migrações e o histórico das cidades, todos os questionários tiveram a religião católica como a oficial da família.

Uma curiosidade referente à imigração é que dos 27 entrevistados, apenas o mais de mais idade, Onofre Bernardi (67 anos) havia nascido no Rio Grande do Sul, cidade de Nova Prata, os outros todos já eram naturais de Santa Catarina. Esse dado se interliga com as afirmações de Radin (2001) referentes a língua italiana, ele relata que no final de 1970, dos migrantes que vieram para o Brasil e acabaram em terras catarinenses, cerca de 80% das pessoas de primeira e segunda geração ainda falavam e entendiam o italiano, já entre a terceira geração este percentual caía para 50%.

Quando questionadas sobre quantas pessoas moravam na residência da propriedade rural, duas famílias residem com três moradores, duas com quatro, uma com cinco e duas com seis ou mais, porém, uma ressalva que precisa ser feita neste item é que nem todas as pessoas que residem na propriedade trabalham com a agricultura, houve um caso em que um dos filhos do casal residia na propriedade mas trabalhava com outro tipo de ofício, no centro urbano mais próximo.

Também houve unanimidade de resposta quando questionados de onde vinha a principal renda da família, todos responderam que ela vinha exclusivamente do trabalho

agrícola. Assim, conecta-se a próxima pergunta do questionário, referente a quantas horas em média a família se dedica ao trabalho no campo, as respostas mostram que das sete famílias, uma trabalha mais de 10 horas por dia, três trabalham em média 10 horas por dia, duas 8 horas por dia e apenas uma trabalha somente 6 horas por dia. A família que diz trabalhar apenas 6 horas por dia, por exemplo, possui em sua propriedade um aviário controlado através de um computador, dessa forma, pode-se perceber que a tecnologia ajuda o cotidiano rural para além dos estudos comunicacionais.

A renda das famílias de agricultores tem ligação com a quantidade de tempo dedicado ao trabalho rural, para facilitar, a renda foi dividida em: até mil reais mês; de mil a 4 mil reais mês; e acima de 4 mil reais, assim, apenas uma família declarou ter até mil reais de renda mensal, três declaram ter de mil a 4 mil reais por mês, e as outras quatro declaram receber mais de 4 mil reais por mês.

Quando o questionário toca na parte de comunicação e identificação do perfil de acesso às tecnologias, as sete famílias possuem em sua propriedade pelo menos um aparelho de rádio e também de televisão. Quando questionados sobre câmeras fotográficas digitais, apenas uma das famílias não tinham algum modelo deste tipo de equipamento, porém, todas as famílias tinham pelo menos um celular na residência, e em alguns dos casos, tinham mais aparelhos celulares do que pessoas que residiam na casa.

Todas as famílias possuem computador em casa, e apenas uma delas não conta com acesso à internet, porém, esta família tem dois computadores em sua propriedade, assim como outras três famílias, totalizando um total de quatro com dois computadores em casa, as outras três famílias possuem apenas um aparelho.

O tipo de acesso à internet das seis famílias é via rádio, ou seja, “utiliza ondas de radiofrequência para transmitir os dados” (FELICIANO; BROETTO; PEREIRA; LAPOLLI, 2007, p.22) também segundo o relatório da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI, esta tecnologia de acesso está se espalhando pelo interior do Brasil em geral, devido ao seu baixo custo de manutenção, preço competitivo e boa velocidade, seu sinal é captado e distribuído através de antenas e roteadores.

Sobre a frequência do acesso à internet propriamente dita, todas as famílias, inclusive a que não possui conexão na propriedade, responderam que acessam a internet diariamente. A família que não possui internet em casa, respondeu acessá-la da casa de amigos, vizinhos próximos a propriedade e também da escola.

Tendo como base as tabelas 3 a 8 deste trabalho, podemos analisar outros dados convenientes a este espaço de descrição. O nível de escolaridade dos entrevistados ainda é baixo, dos mais velhos, muitos relataram a dificuldade de acesso à escola no passado e que por isso não concluíram seus estudos e/ou repetiram a quarta série fundamental por duas vezes, por exemplo. Os mais novos em geral concluíram o segundo grau ou ainda estão estudando na série adequada a sua idade, no caso da Família de Jaborá, a filha mais velha do casal do casal já concluiu o ensino superior.

Quando questionados sobre há quanto tempo tinham computador em casa, as respostas foram bem variadas, sendo que a família que possuía há menos tempo tinha o computador há 1 ano e a família que tinha há mais tempo há 14 anos. A tabela abaixo relaciona o tempo que a família possuía computador na propriedade, qual a motivação para comprá-lo, se quando compraram o aparelho já possuíam sinal de internet na localidade, há quanto tempo possuem o sinal e se a qualidade do sinal é boa, média, ou ruim.

Tabela 9: Computador e acesso à internet na propriedade

Família	Possui computador na propriedade há quanto tempo?	Qual a principal motivação para comprar o computador?	Já possuía acesso à internet quando comprou o computador?	O acesso a internet na propriedade existe há quanto tempo?	Qual a qualidade do sinal da internet?
Albiero	1 ano	Acesso à informação	Não	8 meses	Bom
Bernardi	6 anos	Auxílio na propriedade	Não	3 anos	Médio
Cenci	10 anos	Estudos	Não	3 anos	Médio
Costa Beber	14 anos	Capacitação rural	Não	3 anos e meio	Bom
Franck	1 ano	Estudos	Não	7 meses	Bom
Rabaioli	3 anos	Estudos	Não	2 anos	Bom
Rama	3 anos	Instalar a internet	Não	Não possui	-

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Através da tabela, pode-se perceber que um dos principais motivos que levaram as famílias a comprarem um computador e buscarem a conexão com a internet foi a educação, seja para o auxílio dos filhos nas tarefas escolares ou em benefício da propriedade ou família. É claro que estes relatos, na maioria dos casos, vieram conectados com outras motivações, mas para efeito desta tabela foi considerada a primeira resposta dos entrevistados como a mais importante ou motivadora.

Em relação ao tempo que possuem o computador na propriedade, como já citado os números são variados. Percebe-se que as famílias Cenci e Costa Beber possuem computador há bastante tempo, se fizermos um cálculo aproximado, as famílias já tinham acesso a um computador desde meados de 1997, logo após a popularização do acesso à internet no Brasil que ocorreu por volta de 1995, se analisarmos pelo pensamento de Castells (2003) eles tiveram acesso ao computador 10 anos depois do início da popularização. Quando falamos do computador, agora com acesso à internet os relatos mudam em relação à qualidade do sinal e velocidade.

A gente colocou aqui em casa a internet discada, só que a discada era devagar, muito lenta e cara, era um recurso que não podia usar sempre, até porque aqui temos os ramais dos outros telefones, aí não podíamos ficar muito tempo na internet, tinha que ter horário. [...] Depois nós adquirimos a internet a rádio, que é bem melhor, mais rápida e podemos ficar um tempo ilimitado. (Soila Rabaioli)

Quando levamos em consideração os dados sobre internet da tabela 9 em relação ao computador na propriedade, nota-se que o acesso e conexão à internet aparece anos depois do computador, estando presente nas famílias pesquisadas há no máximo 3 anos e meio. Isso reflete a dificuldade falta de acesso que as comunidades rurais enfrentam quando o assunto é contato com tecnologias, sinal e serviços deste gênero no meio rural, esse dado é afirmado pelas famílias que reclamam da qualidade do acesso, que passam por dificuldades de demora da instalação e velocidade, apesar de considerá-lo médio, como relata Naira Cenci, de Herval d'Oeste:

Pegamos o acesso à internet via celular, mas aí caía o sinal direto e nós desistimos. Depois conseguimos o sinal da internet via rádio, ela funciona razoavelmente, é lenta, cai bastante o sinal, mas é bem melhor que o do celular, nós temos um problema de celular aqui, o sinal do celular é pouco. (Naira Cenci)

Além dos dois relatos usados aqui como exemplo, outros entrevistados contam sobre dificuldades ou não com a conexão no campo. Neste caso, outro fator que deve ser levado em consideração é a distância da comunidade em que a família reside do meio urbano, aonde geralmente estão localizados os pontos de acesso, isso influencia diretamente na forma e qualidade da conexão e sinal praticado nas propriedades.

Levando em consideração este primeiro panorama, os questionários sócio-econômicos refletem que esta pesquisa estuda famílias de pequenos produtores rurais do interior de Santa Catarina, que por si só já possui índices elevados de IDH, com renda familiar média ou alta e acesso significativo aos meios de comunicação e tecnologias mais comuns, isso porque estas

tecnologias estão presentes em todas as propriedades em maior ou menor grau. É através desta ótica que os tópicos a seguir serão analisados.

5.3.2 Computador, internet e gestão da propriedade

Quando questionados sobre qual a principal motivação que levou a família Bernardi (Joaçaba) a investir em um computador, e depois no acesso à internet, a resposta obtida foi a seguinte: “Eu achei que era bom para facilitar as anotações, para armazenar as informações, coisas que são necessidade da propriedade, levantar negócios e pesquisar depois da chegada da internet”. A família de Joaçaba possui computador na propriedade há seis anos mas conta com a conexão à internet há apenas três.

Como citado acima, uma das famílias entrevistadas tomou a iniciativa de comprar o computador especificamente para auxiliar na propriedade. Este motivo também apareceu em outras entrevistas e configurado de outras formas, como na seguinte pergunta: O computador ajuda de alguma forma na agricultura?

Com certeza. Se você tem internet você pode estar por dentro dos preços do mercado, principalmente nós que temos a suinocultura e trabalhamos com a agricultura e o leite, assim nós temos como saber como é que o preço vai estar daqui quantos anos ou quantos meses, se é vantajoso você investir em tal área seja na suinocultura ou no leite, no que você investir você tem uma informação que mais ou menos vai te dizer se você vai ter um retorno ou não. (Edivaldo Rama)

Também da família de Catanduvas, Antônio João Rama ressalta que os pedidos de rações e outras compras necessárias para a propriedade podem ser feitas através da internet. A família Rama é a única que não possui conexão em casa, apesar de possuírem dois computadores, sendo um deles é exclusivo para o controle do galinheiro, totalmente automatizado. O segundo computador da família de Catanduvas é responsável por organizar as tarefas diárias que cada um da família terá que cumprir no dia determinado e também para acompanhar o fluxo de caixa dos gastos e lucro da venda do leite.

Segundo Edivaldo, a família Rama não possui internet na propriedade pois o sinal não chega até lá, exceto se a própria família comprar uma antena específica e também pelo fato de residirem em terras geograficamente mais baixas, fato que cria uma outra dificuldade para o alcance do sinal, que já chegou na casa do vizinho acima da propriedade Rama.

A tabela abaixo relaciona as famílias entrevistadas com os seguintes tópicos: O uso do computador auxilia de alguma forma na propriedade? A família citou pesquisa de preços e/ou serviços online como um dos auxílios da internet na propriedade? A família citou acesso a

informações em geral como um dos auxílios da internet na propriedade? A família citou a pesquisa das condições climáticas como um dos auxílios da internet na propriedade? A família citou o controle da propriedade através de planilhas eletrônicas como um dos auxílios do computador no campo?

Tabela 10: Usos do computador com ou sem conexão para auxílio na propriedade.

Família	Computador auxilia na propriedade?	Pesquisa de preços e/ou serviços online	Acesso a informações em geral	Pesquisa das condições climáticas	Uso de planilhas eletrônicas
Albiero	Sim	Sim	Não	Sim	Não
Bernardi	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Cenci	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Costa Beber	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Franck	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Rabaioli	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Rama	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

A tabela acima refere-se ao o uso do computador nas propriedade, sejam esses usos dados via computador com internet ou apenas pelo computador. A pergunta sobre se o computador auxilia na propriedade de forma geral teve 100% das respostas positivas, bem como as pesquisas de preços e/ou serviços online e a pesquisa das condições climáticas para o auxílio no plantio. O uso de planilhas eletrônicas apareceu apenas em duas famílias: Franck e Rama e o acesso a informações em geral teve resposta negativa também em duas: Albiero e Franck.

Referente ao uso de tecnologias que facilitam o cotidiano na propriedade, Castells (2003) comenta que com a chegada de tecnologias a produtividade e a competitividade aumentam. O autor ainda cita que a integração das tecnologias da informação e comunicação nos processos e produtos, além de facilitar os processos, organiza e interliga a administração de qualquer tipo de produção.

Outra ponderação interessante que relaciona o acesso à informação com o uso da internet e tecnologias é quem são os atores que de fato utilizam e dominam de certa forma o uso da tecnologia. A tabela abaixo relaciona o nome de todos os entrevistados, idade e se utilizaram alguma vez o computador com acesso à internet necessariamente e em que local este acesso ocorreu.

Tabela 11: Uso do computador com acesso à internet.

Nome	Idade	Já utilizou o computador e acessou à internet?	Acessou de que local?
Edivaldo Rama	23	Sim	Escola/Cursos
Edicléia Aparecida Rama	19	Sim	Escola
Antônio João Rama	48	Não	-
Silvano Paulo Albiero	27	Sim	Casa
Odete Albiero	46	Não	-
Daniel Albiero	49	Não	-
Mailon Costa Beber	22	Sim	Casa
Marilde Costa Beber	49	Sim	Casa
Everaldo Costa Beber	53	Sim	Casa
Leucir Antônio Bernardi	40	Sim	Casa
Catarina Casanova Bernardi	61	Sim	Casa
Onofre Bernardi	67	Não	-
Naira Salete Cenci	46	Sim	Casa
Luiz Cenci	49	Não	-
André Luiz Cenci	25	Sim	Casa/Escola
Marcos Henrique Cenci	24	Sim	Casa/Escola
Lucas Felipe Cenci	19	Sim	Casa/Escola
Valdir Rabaioli	47	Sim	Casa
Terezinha Calegari Rabaioli	47	Sim	Casa
Samara Rabaioli	17	Sim	Casa/Escola
Fabiana Rabaioli	14	Sim	Casa/Escola
Soila Lucia Rabaioli	21	Sim	Casa/Escola
Roberto Franck	37	Sim	Casa
Marijani Prando Franck	39	Sim	Casa
Robson Matheus Franck	11	Sim	Casa/Escola
Elaine Rosane Franck	14	Sim	Casa/Escola

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Os dados mostram que dos 26 entrevistados apenas 5 nunca utilizaram o computador, que em geral são os pais de famílias e com idade acima dos 46 anos. Os outros 21 entrevistados já haviam acessado à internet, os mais velhos em casa e os mais novos geralmente em casa e na escola. Porém, nos relatos dos cinco entrevistados dados interessantes aparecem, como o fato de muitas vezes eles pedirem para outras pessoas pesquisarem assuntos específicos para eles, principalmente quando se trata de assuntos

relacionados à propriedade e também de acesso a conteúdos em gerais, como notícias, sinopses de novela, receitas, fotografias, mapas etc. Este tipo de relato apareceu para quatro dos cinco entrevistados que não usam o computador. Em geral, os cinco entrevistados relataram não ter interesse de aprender a mexer no computador.

Nunca tirei o capricho de mexer no computador. Eu tenho vaca de leite, então eu tenho que fazer o serviço com elas e depois fazer o almoço, a janta e o café. Depois no tempo livre eu faço um crochê, um tricô ou um bordado. Mas eu não tenho interesse em aprender, porque tempo a gente “tira” mesmo morando no interior. As informações que eu quero peço pro meu filho ver, as notícias ele senta no computador e já vai lendo e todo mundo escuta. Eu gosto de ficar vendo as coisas junto no computador, é super bom porque sempre tem coisa nova. E para mim, mesmo que eu não mexa o computador é importante porque senão a gente fica desinformado, porque ali as notícias vêm na hora. (Odete Albiero)

Assim como Odete, Onofre também relata suas impressões sobre o uso do computador “Eu sou cabeça dura, não tenho muita paciência para ficar ali. Eu preço para o meu filho olhar alguma coisa para mim, que nem o preço de alguma coisa que preciso comprar na propriedade e o clima também” (Onofre Bernardi). Ou seja, os relatos a seguir mostram, que apesar de algumas pessoas não terem interesse no contato com o computador, o contato com o aparelho na propriedade trouxe mudanças até mesmo para os que negam seu uso em nível de informação e também da gestão da propriedade.

Outro depoimento interessante sobre o uso do computador para a gestão da propriedade veio da família Costa Beber. No dia anterior à entrevista com a família de Luzerna, Everaldo conta que precisava recapear os pneus do trato, a pesquisa de preços para este serviço foi feita pela internet, a empresa que iria prestar o serviço com o menor valor era do Rio Grande do Sul, o contato foi feito todo pela web, no outro dia pela manhã a empresa já estava na propriedade da família para fazer o serviço de recapeamento.

Pelos depoimentos pode-se perceber que pequenas mudanças ocorrem quando uma tecnologia é incorporada, não só na gestão da propriedade mas também em nível informacional do produtor em relação ao seu cultivo. Outro ponto importante é qual o conteúdo acessado pelos pais, geralmente os gestores da propriedade, e os filhos. Em geral, os jovens procuram na internet diversão, mídias sociais e informações em geral, já os pais que utilizam o computador com acesso à internet buscam na internet coisas relacionadas à propriedade.

5.3.3 Computador, internet e a distância territorial

Em a Galáxia da Internet, Castells comenta que quando a Era da Internet chegou, alguns autores aclamaram que este fato ia ser o “fim da geografia”, porém, o autor pondera que a internet tem uma geografia específica, feita por “nós que processam fluxo de informação gerados e administrados a partir de lugares” (CASTELLS, 2003, p.170) assim, a internet redefiniria distâncias mas não cancelaria a geografia.

No âmbito da *folkcomunicação* José Marques de Melo que falou que com a chegada destes novos meios “a web permite multiplicar os seus interlocutores, bem como ensejar o intercâmbio entre grupos e pessoas que possuem identidades comuns, mesmo distanciados pela geografia.” (MELO, 2008, p.9). No meio rural, este contato e intercâmbio de informações com a agilidade que a internet proporciona trouxeram mudanças na visão de mundo dos produtores rurais que na maioria das vezes vivem afastados dos meios urbanos e dos grandes centros de mudanças tecnológicas.

Ao mesmo tempo que algumas famílias passam por dificuldades de sinal e acesso, quando ele chega na propriedade serve para encurtar distâncias entre o mundo das informações e o meio rural. Este pensamento pode ser confirmado pelo estudo de Castells, que diz que “o uso da internet {aumenta} a sociabilidade tanto a distância quando na comunidade local” (CASTELLS, 2003, p.103).

Um caso típico desta diminuição das distâncias e sociabilidade é exemplificado pela família Rabaioli. Soila, a filha mais velha, que hoje é formada em Rádio e TV pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), fez um intercâmbio de seis meses no Chile e conversava com a família quase todas as noites através de um computador com webcam. Castells também comenta sobre o papel da internet nas relações a distância:

A internet parece também desempenhar um papel positivo na manutenção de laços fortes a distância. Já se observou muitas vezes que relações em família, pressionadas pela [...] mobilidade geográfica, então sendo ajustadas pelo uso do e-mail. Não só o e-mail fornece um instrumento fácil para “estar ali” a distância, como torna mais fácil marcar presença. (CASTELLS, 2003, p.109)

Nesse sentido, Soila conta também sobre o contato diário que mantém com os pais através do computador:

Como eu sou uma das filhas que mora fora, eu me comunico muito com minha família pela internet, porque telefone, mesmo eles tendo celular é complicado porque as vezes eu quero falar com eles em um horário que eu estou livre mas eles não estão. Por isso eu às vezes mando um e-mail e eles me respondem, quando eu preciso de algum número de documento eles

fazem cópia e me enviam, tudo pelo computador. A internet facilitou bastante esta comunicação entre a cidade e o campo. (Soila Rabaioli)

Em sua última frase, Soila resume um dos papéis da internet tratados neste tópico: encurtar distâncias, que fica evidente também na frase de Mailon: “É bacana porque a gente não fica tão isolado do resto do mundo” (Mailon Costa Beber).

5.3.4 Computador, internet e os jovens agricultores

Quando se citam jovens, precisa-se definir exatamente a qual faixa etária nos referimos.. No livro “Juventude: Outros olhares sobre a diversidade”, os autores, apesar de divergências e críticas, definem a juventude como “o ciclo que vai dos 15 aos 29 anos” (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2009, p.23). Baseando-se no livro, os depoimentos que serão analisados abaixo são apenas dos entrevistados entre a faixa etária citada. Assim, dos 26 entrevistados, apenas 10 serão utilizados nas análises a seguir. A tabela a seguir relaciona quem são os entrevistados que se encaixam na faixa etária desta análise em específico com a resposta da seguinte pergunta “você gosta de acessar à internet?”.

Tabela 12: Jovens e o uso da internet.

Nome	Idade	Você gosta de acessar a internet?
Edivaldo Rama	23	Sim
Edicléia Aparecida Rama	19	Sim
Silvano Paulo Albiero	27	Sim
Mailon Costa Beber	22	Sim
André Luiz Cenci	25	Sim
Marcos Henrique Cenci	24	Sim
Lucas Felipe Cenci	19	Não
Samara Rabaioli	17	Sim
Fabiana Rabaioli	14	Sim
Soila Lucia Rabaioli	21	Sim

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Apesar da pergunta relacionada na tabela acima parecer de resposta óbvia quando se fala de jovens de 15 a 29 anos, ela é de importante impacto para esta pesquisa, uma vez que apesar de nove jovens responderem prontamente que gostam sim de acessar à internet, um relatou não utilizar com frequência a internet por não gostar de utilizá-la “Não gosto muito, não é muito o que eu gosto de fazer”, explica Lucas Cenci.

Sobre o uso que os jovens entrevistados fazem da internet e suas ferramentas, Soila inicia sua fala relatando a influência que as redes sociais fazem sobre os tipos de acesso que os jovens fazem da internet:

Na verdade o que está dominando agora são as redes sociais, então você entra e a primeira coisa é dar uma passada nas redes sociais, ver o que os colegas estão fazendo. Também tem o contato com os familiares, antigamente a gente ligava mais, hoje em dia a gente manda um e-mail perguntando 'se está tudo bem ali'. Tem muitos dos nossos parentes que também moram no interior que também tem acesso à internet, então às vezes a gente sabe o que está acontecendo com eles porque os filhos postaram alguma coisa, postaram fotos de festa, então na verdade a gente acaba tendo uma vida mais sociável. E depois que a gente vê alguma coisa mais específica, um e-mail, um trabalho para pesquisar ou uma notícia. (Soila Rabaioli)

O depoimento de Soila vai justamente ao encontro de um dos tópicos do livro de Castells (2003), a 'sociabilidade'. Ele destaca a capacidade que as redes sociais tem de permear o mundo online:

A apropriação da capacidade de interconexão por redes sociais de todos os tipos levou à formação de comunidades on-line que reinventam a sociedade e, nesse processo, expandiram espetacularmente a interconexão de computadores em seu alcance e em seus usos (CASTELLS, 2003, p.53).

A fala de Castells é essencial para esta pesquisa, uma vez que o uso das redes sociais aparece em quase todos os depoimentos dos jovens entrevistados como o principal motivo pelo qual eles acessam a internet. “A gente gosta de acessar a internet. A gente vê os e-mails todos os dias, os projetos do SENAI²⁶, trabalhos de aula, e-mail, Facebook, Orkut e essas coisas assim” relata André Cenci. Na mesma linha de depoimento, Fabiana Rabaioli e Silvano Albiero falam que costumam compartilhar e-mails, conversar com os amigos pelo MSN, acessar o Orkut e ouvir músicas.

Por ser uma inovação tecnológica recente, a internet acaba sendo um espaço mais frequentado pelos jovens, porém, estes jovens inserem os que tem mais idade de alguma forma a este novo mundo, seja ensinando-os, seja pesquisando algum conteúdo demandado, como relata Mailon Costa Beber. “Bem, eu uso para fazer o que eles (pais) me pedem, mas o que eu vejo todo dia é a previsão do tempo.”

A partir do momento em que novas tecnologias surgem, o acesso a elas ocorre de forma gradual em todas as faixas etárias, cada uma em seu ritmo e interesse. Conforme esta inserção acontece, os costumes ditos 'tradicionais', dentro do seu tempo e limitações, acabam

26 Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Fonte: <http://www.senai.br> Acesso em 08 nov 2011.

se ligando automaticamente aos meios que surgem, conectando-se à realidade atual. A inserção da cultura local em uma global pode ser contextualizada no pensamento da pesquisadora Cristina Schmidt (2008, p.9):

Cada vez mais, as culturas regionais e locais vêm se posicionando no contexto globalizado, suas manifestações passam por uma atualização, e também criam modelos próprios para inseri-los na arena digital. Alia-se a isso a existência hoje de uma consciência da importância da cultura local como fator de desenvolvimento e consolidação de diferenciais entre grupos e de sua protagonização na cultura global.

Cristina, estudiosa dos processos *folkcomunicacionais*, interliga suas teorias às de Castells quando o mesmo afirma que “ao se conectar globalmente, {as pessoas} poderiam fortalecer sua autonomia e representatividade em seus cenários locais” (2003, p.127).

Um exemplo de fortalecimento da cultura local é dado por Edivaldo Rama quando conta que tem várias motivações para acessar à internet, entre elas, ver e compartilhar imagens de satélite da propriedade do pai, além de conversar com os amigos e fazer pesquisas de preço. O relato sobre o acesso às imagens de satélite da localidade onde moram é relatado também pela irmã de Edivaldo, Edicléia Rama. Outro depoimento sobre o uso da internet que aparece é o de pesquisa de preços para coisas pessoais, não necessariamente relacionadas a itens da propriedade. “Eu gosto de olhar para comprar alguma coisa, sempre olho alguma coisa, mas comprar que é bom, nada” (Lucas Cenci).

O uso do computador pelo jovem aparece também relacionado à informatização da propriedade:

A gente vai instalar um programa extrator de leite, vai ser tudo automatizado, então tem que ter um computador para gerenciar a propriedade, a reprodução das vacas, você anota os dados lá e tem um programa que vai jogando os dias, você não precisa anotar mais nada nem calcular nada, o próprio programa calcula os dias, gestação se a vaca está com cria ela vai te dar os dias do parto, não precisa ficar mais somando e etc. (André e Marcos Cenci)

Marcos Cenci também comenta que a primeira coisa que procura na internet é ler seu e-mail e entrar no Orkut para olhar as atualizações dos amigos, depois sempre procura alguma coisa relacionada a vacas e ao sistema que será instalado na propriedade.

As irmãs Rabaioli, Samara e Soila, concluem este tópico com duas citações que trazem outros assuntos tratados por esta pesquisa na ótica dos jovens. A primeira fala sobre as possibilidades de “diminuir distâncias” que a internet proporciona aos seus usuários “Ficou tudo mais justinho, a distância ficou menor, parece que o mundo ficou mais pequenininho”

relata Samara Rabaioli sobre sua impressão em relação à chegada da internet na propriedade.

O outro depoimento, o de Soila, conecta o interesse do uso da internet dos jovens em relação a seus pais “O interesse dos nossos pais é bem mais específico, eles vão entrar para ver uma notícia, uma foto de um acidente ou o tempo. O nosso interesse é bem diferente, se deixar a gente fica a noite inteira” (Soila Rabaioli). A frase de Soila interliga o próximo tópico de análise desta pesquisa com o uso dos jovens da internet, com grande influência das redes sociais e a interação que o mundo *online* possibilita aos seus usuários.

5.3.5 Computador, internet e a vida em família e afetiva

Os questionamentos sobre “como o computador melhora ou piora as relações familiares?” e “a chegada do computador mudou o ritmo de vida da família?” rendeu várias divergências de opinião. Para iniciar, vamos dispor na tabela abaixo as duas perguntas para identificarmos qual foi o impacto da chegada do computador nas famílias pesquisadas.

Tabela 13: Mudanças com a chegada do computador.

Família	Melhora ou piora as relações familiares.	Mudou ou não o ritmo de vida da família.
Albiero	Mantém-se igual	Não
Bernardi	Mantém-se igual	Não
Cenci	Piora	Não
Costa Beber	Melhora	Sim
Franck	Melhora	Sim
Rabaioli	Melhora	Sim
Rama	Mantém-se igual	Sim

Fonte: Elaboração da própria autora através dos dados da pesquisa de campo.

Pela tabela, nota-se que a relação familiar pós computador piorou apenas em uma das famílias, em três delas manteve-se igual e também em três ela melhorou. Sobre a mudança do ritmo de vida famílias Albiero, Bernardi e Cenci relatam não ter mudado nada no ritmo de vida, as demais dizem que o computador trouxe sim algum tipo de mudança no convívio diário da família. Nesta análise devemos lembrar que o melhorar ou piorar as relações familiares sempre apareceram com algum tipo de ponderação descrita a seguir.

Dentro das mudanças no ritmo de vida da família, a informatização da agricultura e o acesso à informação para conteúdos escolares aparece nos depoimentos em geral como uma melhoria trazida pelo computador para o cotidiano familiar, facilitando o serviço no campo e

deixando a família com mais tempo livre para outras atividades.

Sobre a mudança das relações familiares, há alguns depoimentos em comum quando os casais possuem filhos, como é o caso da família Franck, com rapazes de 14 e 11 anos o depoimento volta-se novamente para os filhos do casal:

Tem casos que é bom, porque as crianças aprendem e acabam vendo bastante coisa, mas as vezes eles ficam muito tempo lá {no computador} e acabam ficando menos tempo com os pais. Mas eu acho bom. Eu acho que ajuda e melhora até, pois as crianças tem mais conhecimento das coisas, a gente procura ter mais conhecimento também, por isso num todo melhora o conhecimento da família, e isso é bom. (Roberto e Marijani Franck)

Novamente a questão conhecimento/educação aparece como um ponto que não só gera o acesso à informação, mas também permeia as relações familiares.

Um depoimento comum que apareceu em dois casos foi o saber usar o computador como um dos fatores essenciais para uma boa relação em família “Na hora de usar o computador usa, na hora de trabalhar trabalha” (Silvano Albiero). Leucir Bernardi também comenta sobre o uso consciente da ferramenta “Melhora se a gente usar o computador para informações necessárias, e piora se a gente fica dependente dele, que toda hora tem que estar na internet, aí vicia. Para a gente não muda nada {nas relações familiares}, a gente sabe das necessidades, tem hora para tudo.”

Sobre este saber usar de novas ferramentas, Castells (2003) comenta pesquisas sobre a sociabilidade e o uso da internet, neste sentido, existem pesquisadores que afirmam que o uso da internet faz sim com que a pessoa fique menos sociável e diminua sua comunicação pessoal com amigos e família. Porém, o autor diz que de modo geral, os dados não sustentam a tese de que o uso da internet leva a uma menor interação social, e relata que o novo padrão de sociabilidade das sociedades atuais é caracterizado pelo individualismo em rede.

Este 'individualismo em rede' se conecta com o depoimento da família Cenci que diz que o uso do computador às vezes é complicado e que a relação familiar chega a “piorar um pouco” porque os filhos, principalmente o mais velho, passam bom tempo na frente do computador. Luiz Cenci conclui dizendo que “sabendo usar é uma baita ferramenta, mas quando vicia é um péssimo negócio”, este depoimento está em concordância com a fala sobre o vício do uso do computador de Leucir Bernardi, citada logo acima.

Ao passo que alguns citam a distância familiar como um ponto negativo do uso do computador, outras falas dizem justamente o contrário, apesar de ressaltar o uso consciente da ferramenta, Samara Rabaioli fala que o computador possibilitou para sua família mais uma

forma dela passar um tempo junta: “É um jeito da família ficar unida, mas piora se você sabe que tem alguma coisa para fazer e fica lá na frente do computador” (Samara Rabaioli).

André, Marcos e Lucas Cenci contam que fazem justamente o que na opinião de Samara, pode piorar a relação familiar: ficar na frente do computador quando existem outras tarefas a serem feitas. Os filhos de Naira e Luiz contam que quando estão no computador às vezes deixam de lado outras coisas que precisam fazer porque ficam entretidos. Os meninos também falam que começaram a utilizar mais o computador agora com a conexão à internet, antes usavam mais para jogar.

Quando questionado se o computador melhora ou piora as relações familiares, Mailon Costa Beber afirma que “No meu caso ajuda, porque quando eu estou estressado vou lá desestressar.” ou seja, neste depoimento novamente o uso da internet como fonte de lazer fica evidenciado no cotidiano dos entrevistados. Mailon conta também que sua namorada reside em outra cidade, e usa o computador para manter o contato com ela diariamente.

Valdir e Terezinha Rabaioli, resumem o que para eles seria o uso adequado do computador em relação ao convívio familiar e sobre as mudanças cotidianas que o uso desta ferramenta trouxe para sua família e propriedade:

“Para uma família que é bastante comportada, que os filhos ou as filhas obedecem o pai e a mãe, aí só tem a melhorar. Se for uma família que está meio 'escambalhada' acho que piora um pouco a situação. Foi a partir do computador que a gente foi se informatizando e melhorando as coisas aqui na propriedade. Na agricultura a gente não tem muito tempo {para mexer no computador} mas a gente dá um jeitinho, sempre tem um tempo de sobra”
Valdir e Terezinha Rabaioli

O 'saber usar', seja ele tecnicamente ou pensando nos limites do uso, aparece mais uma vez como um fator determinante da inserção de um computador com acesso à internet nas propriedades rurais.

6 CAPÍTULO 6 - Finalização

6.1 Considerações Finais

Como cita Radin (2001), a região escolhida para a pesquisa foi colonizada basicamente por italianos e alemães vindos em sua maioria das colônias antigas, ou 'colônias velhas' e já saturadas economicamente do Rio Grande do Sul, por onde passaram primeiro ao chegarem no Brasil. Estes migrantes já haviam passado pelo primeiro choque de morar em terras desconhecidas, mas, como o sonho da maioria dos imigrantes, que eram camponeses, era vir ao Brasil e achar sua bonança, apesar de não encontrá-la como em seus sonhos, começaram a fazer desta terra um local que fosse o mais próximo possível de suas localidades natais, seja nos costumes, nos estudos, nas plantações ou nos impulsos de migrar para encontrar novas oportunidades caso as primeiras que lhes surgissem não fossem exatamente o que esperavam.

É mais ou menos neste contexto que o oeste de Santa Catarina foi colonizado, com o saturamento das terras gaúchas, o oeste catarinense, mesmo tendo acabado de passar por uma guerra, chamava a atenção dos novos colonizadores por meio das propagandas de colonização, que exaltavam a ligação com São Paulo que a região possuía através da estrada de ferro e também outro ponto essencial, o relevo da região parecido com o europeu.

As características do local, mesmo que as situações na região não fossem as maravilhas estampadas nas campanhas de colonização, fizeram com que este migrante além de trazer suas famílias e costumes, criassem um certo amor pelo seu canto de terra, fatores essenciais para que desenvolvessem a localidade pensando sempre na melhor opção possível quando se tratavam os assuntos da nova região colonizada.

O desenvolvimento foi surgindo aos poucos e com ele o amor pela terra vez ou outra se transformou em êxodo rural. Mesmo assim, a região ainda hoje é fortemente ligada à agricultura, tendo como carro-chefe as propriedades de agricultura familiar baseadas nos minifúndios, produção que se destaca e faz render bons lucros à região meio-oeste em geral, uma vez que é dela, e da produção do pequeno produtor, que algumas das empresas frigoríficas mais importantes do país se abastecem como a Aurora, Perdigão/Sadia (hoje Brasil Foods)²⁷ e Seara.

Esta pesquisa entrou na casa do pequeno produtor com o intuito de saber quais as transformações que um computador com acesso à internet podem levar a pequena propriedade

²⁷ Retirado de: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u568088.shtml> Acesso em: 09 nov 2011.

rural. A pesquisa foi rica e com respostas das mais variadas, porém, o item que obteve maior relevância em quase todas as respostas foi a comunicação, seja ela na forma de conversa, acesso à informação, pesquisas em geral, auxílio aos estudos ou inovações na propriedade. Algumas ponderações sobre a pesquisa já foram apresentadas no decorrer do texto no capítulo sobre a análise das entrevistas.

Como já citado nesta monografia, Castells (2003) afirma que a internet não é apenas uma tecnologia, é uma forma de comunicação. Esta afirmação se interliga com as conclusões desta pesquisa, uma vez que, apesar de dividi-las em tópicos, em todos os tópicos analisados as formas de se comunicar e de acessar informações aparecem como ponto relevante nos depoimentos colhidos em campo.

A este trabalho interessou-no, sobretudo, a internet como meio da comunicação a partir da visão de Castells (2003) e das teorias da *folkcomunicação* inseridas em contextos atuais, consideramos o uso deste novo meio de comunicação “não formal” como um processos culturais e comunicacional que fortalece a cultura local e individual por meio das tecnologias da informação, levando também o acesso à informação para grupos de pessoas muitas vezes isoladas territorialmente.

Apesar dos interesses daqueles que acessam a rede serem distintos, jovens ou adultos procuram *online* algum tipo de informação, excluindo apenas cinco não tinham o costume de acessar à internet.

Em geral, os mais velhos pesquisam e se informam sobre assuntos referentes à sua propriedade, é claro que também outros tipos de busca aparecem, porém, as mídias sociais, por exemplo, que apareceram em todos os depoimentos dos jovens não apareceram em nenhum dos depoimentos dos pais de família. Há relatos daqueles que resistem em aprender a usar um computador e suas possibilidades por falta de tempo, por conta das suas rotinas de trabalho na agricultura, por falta de interesse ou como comentado em alguns relatos “por falta de paciência”. Mas, mesmo aqueles que não usam o computador admitem que o mesmo é uma ferramenta importante no cotidiano rural e que ele trouxe sim algum tipo de mudança positiva à propriedade.

A chegada de um computador com acesso à rede transforma o cotidiano rural em vários sentidos, sejam eles em lados mais técnicos como na gestão e automatização da propriedade, ou no sentido mais pessoal ou familiar. Esse sentido se dá quando a internet ao permitir uma conexão com o mundo, conversar, se informar, pesquisar e descobrir conteúdos

que antes poderiam até chegar às comunidades pesquisadas, mas certamente não com a mesma instantaneidade que a internet proporciona aos seus usuários.

Esta 'cultura digital' que já está criada entre os agricultores familiares interliga os benefícios de uma melhor comunicação e acesso a informações, com a modernização e a fixação das pessoas no campo de alguma forma, uma vez que com o acesso às tecnologias ficando mais facilitado, os jovens se sentem mais inseridos globalmente, fator que pode gerar até algum tipo de resistência deste jovem em sair da propriedade e desistir de trabalhar com a agricultura familiar por motivos de acesso, a uma ou outra tecnologia, que a localidade que mora não permite chegar.

O acesso à internet, ainda que em muitos casos um pouco precário por condições geográficas, de sinal ou de falta de uma velocidade adequada às necessidades do usuário, chega nas propriedades em geral com o intuito de suprir algum tipo de tarefa e não simplesmente para contemplar o tempo de lazer de seus usuários, mesmo que eles usem esta possibilidade de acesso também com este fim.

Apesar de já haverem programas e ações, em nível estadual e federal, de inclusão digital e popularização do acesso à internet, o acesso no campo ainda é precário nas regiões pesquisadas. Os próprios entrevistados relataram, além dos problemas com o próprio acesso, a dificuldade de vizinhos das suas propriedades e de outras localidades em conseguirem a conexão apesar de seu interesse, sejam estas dificuldades financeiras ou técnicas.

A capacitação não só do jovem agricultor como de toda a sua família em relação ao acesso e ao uso de tecnologias no campo poderia trazer mais benefícios à vida do pequeno produtor, garantindo sua sustentabilidade dentro de seu modo de vida e também a preservação ambiental em muitos casos, uma vez que as tecnologias facilitariam a produção e otimizariam o manuseio dos recursos.

Esta capacitação não só em nível técnico para a produção mas em nível informacional faria com que este produtor tivesse mais formas e condições não só de se informar sobre os assuntos de seu interesse e relacionados a sua propriedade, mas também de interagir através da internet com os assuntos que lhe atraem em geral.

A relação de tempo e espaço também muda, uma vez que o computador facilita, em alguns casos, o trabalho agrícola, e faz com que as pessoas se sintam mais interligadas ao mundo, porém não muda a relação do agricultor com seus deveres diários em si, que na maioria dos casos continua sendo praticados conforme o costume local.

6.2 Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane R.; ESTEVES, Luiz C.G (Org.). **Juventudes: Outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2009.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Disponível em: <arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2011.

ALVES, Pedro Assumpção; MATTEI, Lauro Francisco. **Migrações no Oeste Catarinense: História e Elementos Explicativos**. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_598.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2011.

ASSAD, Leonor; PANCETTI, Alessandra. **A silenciosa revolução das TICs na agricultura**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=48&id=604>. Acesso em: 11 out. 2011.

BELTRÃO, Luíz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980 .

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão (Comp.). **Censo: Contagem Populacional**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acesso em: 29 ago. 2011.

BERGER, Christa. **A comunicação emergente: popular e/ou alternativa do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARDOSO, Alex; SCHULZ, Vlamir. **Formação Histórico-Geográfica de Santa Catarina**. Tubarão: Editora Copiart, 2002. 116 p.

CENTRO DE SOCIOECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA - EPAGRI/CEPA. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina**. Florianópolis, 2009-2010. Disponível em: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/Sintese_2010/sintese%202010_inteira.pdf>. Acesso em: 05 set. 2011.

DOURADO, Jaqueline Lima. **Você sabe o que é Folkcomunicação?** Disponível em: <<http://www.cabecadecuia.com/noticias/10280/voce-sabe-o-que-e-folkcomunicacao.html>>. Acesso em: 19 maio 2010.

FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org.). **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

FELICIANO, Antônio M.; BROETTO, Renato; PEREIRA, Danilo; LAPOLLI, Edis M. **Inclusão Digital em Comunidades Rurais**: projeto Beija-Flor – internet no campo. Florianópolis: SAR, 2007.

FILIPPIM, Elaine Salete; NATUS, Thiago Luiz. **Estudo sobre a Percepção da Implementação das Políticas Públicas para a Agricultura Familiar no Meio Oeste Catarinense**. Joaçaba: Unoesc, 2008.

FRANCISCO, Vera Lúcia Ferraz Dos Santos; PINO, Francisco Alberto. **Fatores que afetam o uso da Internet no Meio Rural Paulista**. Disponível em: <www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-3.pdf>. Acesso em: 14 out. 2011.

GADINI, Luiz S.; WOITOWICZ, Karina J. (Org.). **Noções Básicas de Folkcomunicação**: Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

GOULARTI FILHO, Alcides. **A Formação Econômica de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2049/2431>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

GUSMÃO, Marcos Vinícius et al. **O Programa de Eletrificação Rural "Luz no Campo": Resultados Iniciais**. Belo Horizonte: Cepel/eletrobrás, 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000022002000200035&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 out. 2011.

HEINSFELD, Adelar. **A Questão de Palmas entre Brasil e Argentina**: e o início da Colonização Alemã no Baixo Vale do Rio do Peixe - SC. Joaçaba: Edições Unoesc, 1996.

HOHLFELDT, Antônio et al. (Org.) **Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século**. Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional, São Bernardo dos Campos, v.1, n.5, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tavares e Tristão Ltda, 1992.

LIMA, Irenilda de Souza et al. **Folkcomunicação e desenvolvimento local**: a importância cultura popular para a formação do capital social entre agricultores familiares no nordeste do Brasil. Disponível em: <www2.metodista.br/.../38%20-%20Folkcom%202009%20->. Acesso em: 15 jul. 2011.

MARTÍN-BARBERO, J. (1993). **La comunicación en las transformaciones del campo cultural**. Iteridades, no 5, México.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular**: História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares**: A participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

PIAZZA, Walter Ferando; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina História da Gente**. 2. ed. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1987. 152 p.

RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-Brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense**. 2. ed. Joaçaba: Edições Unoesc, 2001. 188 p.

RADIN, José Carlos. Italianos e Comunidades Rurais no Oeste Catarinense. In: RADIN, José Carlos; BENEDET, José Higino; MILANI, Maria Luiza. **Facetas da Colonização Italiana**: Planalto e Oeste Catarinense. Joaçaba: Editora Unoesc, 2003. Cap. 1, p. 19-120.

SANTOS, José Luiz Dos. **O que é Cultura**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sérgio (Org.). Cultura Digital.br. Rio de Janeiro: Azougue, 2009. Disponível em: <www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/09/cultura-digital-br.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação**: estado de conhecimento sobre a disciplina. Biblicom, 2008.

_____. **Novos Caipiras**: Imagens Midiáticas e Processos Folkcomunicacionais. Disponível em: <www2.metodista.br/.../28-Folkcom%202009%20>. Acesso em: 27 set. 2011.

SOUZA, Cláudio Renê Garcia de; ANJOS, Flávio Sacco Dos. **Impacto dos Programas de Eletrificação Rural em Comunidades Rurais de Arroio Grande, RS**. Santa Maria: UFSM, 2007. Disponível em: <w3.ufsm.br/extensaorural/art2ed14.pdf>. Acesso em: 07 out. 2011.

TESSER, Daniel Polleto; JUFFO, Bianca Duarte. **Urbanicidade e Ruralidade**: Um Estudo Aplicado Sobre a Realidade dos Municípios da Região Meio Oeste Catarinense. Joaçaba: Unoesc, 2008.

THOMÉ, Nilson. **Trem de Ferro**: A Ferrovia no Contestado. 2. ed. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1983. 198 p.

6.3 Apêndice

1) Questionário socioeconômico aplicado nas famílias de entrevistados:

FAMÍLIA:

CIDADE:

DATA:

CONTATO:

1. Você considera sua família:
 - (A) Branca
 - (B) Parda
 - (C) Preta
 - (D) Amarela
 - (E) Indígena
2. Qual a religião da sua família?
 - (A) Católica
 - (B) Protestante ou Evangélica
 - (C) Espírita
 - (D) Umbanda ou Candomblé
 - (E) Outra
 - (F) Sem Religião
3. Quantas pessoas moram em sua casa?
 - (A) Mora sozinho/a
 - (B) Duas
 - (C) Três
 - (D) Quatro
 - (E) Cinco
 - (F) Seis ou mais
4. Em média, a renda mensal da sua família é de:
 - (A) Até mil reais mês
 - (B) De mil reais mês até 4 mil reais mês
 - (C) Acima de 4 mil reais mês

5. A principal renda da sua família vem de:
 - (A) Trabalho "na cidade"
 - (B) Agricultura
 - (C) Venda de produtos caseiros
 - (D) Outros
6. Quantas horas por dia sua família trabalha em média?
 - (A) 10 horas
 - (B) 8 horas
 - (C) 6 horas
 - (D) 4 horas
 - (E) Mais de 10 horas
 - (F) Menos de 4 horas
7. Possui televisão em casa?
 - (A) Sim
 - (B) Não
8. Possui rádio em casa?
 - (A) Sim
 - (B) Não
9. Possui algum tipo de câmera fotográfica digital?
 - (A) Sim
 - (B) Não
10. Possui celular? Se sim, quantos?
 - (A) Um para cada membro da família
 - (B) Dois
 - (C) Três ou mais
 - (D) Nenhum
 - (E) Apenas um
11. Possui computador em casa (laptop, notebook e micro)? Se sim, quantos?
 - (A) Um
 - (B) Dois
 - (C) Três ou mais
 - (D) Nenhum

12. Todos os computadores possuem acesso a internet?
- (A) Sim
 - (B) Não
13. Qual é o tipo do seu acesso a internet?
- (A) Via telefone [discada]
 - (B) Via Rádio
 - (C) ADSL
 - (D) Via Cabo
 - (E) 3G [telefone celular]
 - (F) Satélite
 - (G) Outras
14. Com que frequência sua família usa o computador?
- (A) Uma vez por semana
 - (B) Duas a quatro vezes por semana
 - (C) Todos os dias da semana
 - (D) É usado raramente

2) Questionário de identificação aplicado nas famílias:

Nome completo:

Sexo: M/F

Idade:

Estado Civil:

Escolaridade:

Filhos: Sim/Não

Comunidade/cidade aonde mora:

Cidade/estado de origem:

Ascendência:

Já acessou à internet alguma vez? Aonde?:

3) Fotos das famílias entrevistadas:

Fotos Família Rama – Catanduvas/SC²⁸



Antônio, Edicléia e Edivaldo Rama.



Antônio João Rama.

²⁸ Fonte: Fotografias batidas pela autora na pesquisa de campo em setembro de 2011.

Fotos Família Cenci – Herval d'Oeste/SC²⁹



Marcos, Lucas, Naira, André e Luiz Cenci.



Propriedade da Família Cenci.

²⁹ Fonte: Fotografias batidas pela autora na pesquisa de campo em setembro de 2011.

Fotos Família Rabaioli – Jaborá/SC³⁰



Valdir, Terezinha, Samara, Fabiana e Soila Rabaioli.



Soila, Samara e Fabiana Rabaioli.

30 Fonte: Fotografias batidas pela autora na pesquisa de campo em setembro de 2011.

Fotos Família Bernardi – Joaçaba/SC³¹



Onofre, Catarina e Leucir Bernardi.



Entrada da propriedade da família Bernardi.

31 Fonte: Fotografias batidas pela autora na pesquisa de campo em setembro de 2011.

Fotos Família Albiero – Lacerdópolis/SC



Daniel, Odete e Silvano Albiero.



Entrada da propriedade da família Albiero.

Fotos Família Costa Beber – Luzerna/SC³²



Everaldo, Marilde e Mailon Costa Beber.



Mailon Costa Beber.

32 Fonte: Fotografias batidas pela autora na pesquisa de campo em setembro de 2011.

Fotos Família Franck – Ouro/SC³³



Elaine, Roberto, Robson e Marijani Franck.



Entrada da propriedade da família Franck.

33 Fonte: Fotografias batidas pela autora na pesquisa de campo em setembro de 2011.